



Instituto Superior de Ciências da Educação

ISCED – HUÍLA

A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO AIRRO DO TCHIOCO (1885-2010)

Autor: Albertino Horácio

Lubango

2022



Instituto Superior de Ciências da Educação

ISCED – HUÍLA

**A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO BAIRRO DO TCHIOCO (1885-
2010)**

Trabalho de Fim de Curso Apresentado para a
Obtenção do Grau de Licenciatura em Ensino
De História

Autor: Albertino Horácio

Orientador: Narciso José Félix Nhulilivali

Lubango

2022



Instituto Superior de Ciências da Educação

ISCED – HUÍLA

Declaração de Autoria do Trabalho de Licenciatura

Tenho consciência que a cópia ou o plágio, além de poderem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, bem como reprovação ou a retirada do grau, constituem uma grave violação da ética académica.

Nesta base, eu, Albertino Horácio, estudante finalista do curso superior de ciências da Educação da Huíla (ISCED - HUÍLA) curso de ENSINO DE HISTÓRIA, do Departamento de Ciências Sociais, declaro, por minha honra, ter elaborado este trabalho, só e somente com auxílio da bibliografia que tive acesso e dos conhecimentos adquiridos, durante a minha a carreira estudantil e profissional.

Lubango aos 09 de Fevereiro de 2022

O Autor

Albertino Horácio

AGRADECIMENTOS

A nossa gratidão vai em primeiro lugar para Deus, Pai Todo – Poderoso e Criador do Universo que nos concedeu saúde e sabedoria, nos guiando na direcção certa.

A nossa imensa gratidão ao caríssimo Professor Doutor Narciso José Félix Nhulilivali, por ter mostrado grande disponibilidade, perícia, paciência, eficiência no trabalho e uma prestimosa ajuda que tornou realidade este sonho.

O nosso obrigado estende-se a todos os Professores que contribuíram para a nossa formação e em particular, os Professores da Repartição de História, nomeadamente: Dr. Hélder Bahú, Dr.^a Mariete Costa, Dr. José Matos, Dr. Jacinto Pio Wacussanga, Mestre Alice de Freitas, Mestre Marcelina Gomes, Mestre Domingos Pascoal, Mestre Reginaldo dos Santos Brinco.

Aos meus familiares de uma forma geral que, muitas das vezes, contribuíram com seus conselhos, dando força em prol da ciência.

Aos entrevistados que nos facultaram as informações.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Mário Oreste Aguaiella e Bertulina Andrade (em memória),

Ao senhor Victorino Diogo,

Aos meus queridos filhos, Arsénio, Nádia, Milvide, Aida, Paixão e Lacy,

Aos meus irmãos e os meus queridos sobrinhos.

RESUMO

A história enquanto ciência que se dedica ao estudo dos aspectos mais relevantes das sociedades humanas, tem o interesse em registar e conhecer os sinais e vestígios que marcaram uma determinada sociedade histórica. O presente trabalho subordinado ao tema: A evolução Histórica do Bairro Tchioco (1885-2010), visa descrever o processo que marcou a evolução dum dos bairros mais antigos e populosos da cidade do Lubango. Hoje, o bairro Tchioco representa um espaço estratégico, quer do ponto de vista político-administrativo, bem como do ponto de vista económico-social da cidade do Lubango. Por outro lado, pouco ou nada existe de escrito acerca do bairro em causa, que até certo ponto periga o conhecimento das gerações vindouras a respeito do bairro do Tchioco. Assim, para atingirmos o caminho preconizado, começamos por estabelecer um objectivo específico, que passa por:

- ✓ Descrever a evolução histórica do Bairro do Tchioco no período entre 1885 a 2010.

Por outro lado, traçamos alguns objectivos específicos, que são:

- ✓ Analisar os meandros da Evolução do Bairro Tchioco antes da chegada dos europeus.
- ✓ Descrever a História do surgimento do Bairro Tchioco.
- ✓ Identificar as principais estruturas que caracterizam o Bairro Tchioco.

Quanto a metodologia, o presente trabalho optou por uma investigação qualitativa, com prioridade ao uso dos métodos, histórico, bibliográfico, comparativo e com recurso a entrevista. Quanto a estrutura, o trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo fez-se um enquadramento geográfico e histórico do bairro do Tchioco. No segundo capítulo, tratou-se sobre a evolução histórica do bairro do Tchioco. No fim, apresentamos as conclusões, sugestões e bibliografia utilizada no trabalho.

ABSTRACT

History, as a science dedicated to the study of the most relevant aspects of human societies, is interested in recording and knowing the signs and traces that marked a particular historical society.

The present work on the theme: The Historical Evolution of the Tchioco Neighborhood (1885-2010), aims to describe the process that marked the evolution of one of the oldest and most populous neighborhoods in the city of Lubango.

Today, the Tchioco neighborhood represents a strategic space, both from the political-administrative point of view, as well as from the economic-social point of view of the city of Lubango. On the other hand, there is little, or nothing written about the neighborhood in question, which, to a certain extent, jeopardizes the knowledge of future generations about the Tchioco neighborhood.

So, to reach the recommended path, we start by establishing a specific objective, which includes: To describe the historical evolution of Bairro do Tchioco in the period between 1885 and 2010.

On the other hand, we outline some specific objectives, which are: Analyze the intricacies of the Evolution of Bairro Tchioco before the arrival of Europeans. Describe the history of the emergence of Bairro Tchioco. Identify the main structures that characterize Bairro Tchioco.

As for the methodology, the present work opted for a qualitative investigation, prioritizing the use of historical, bibliographic, comparative and interview methods. In terms of structure, the work is divided into two chapters. In the first chapter, a geographic and historical framework of the Tchioco neighborhood was made. In the second chapter, it was about the historical evolution of the Tchioco neighborhood.

Índice

AGRADECIMENTOS	i
DEDICATÓRIA	ii
RESUMO.....	iii
ABSTRACT	v
INTRODUÇÃO	1
CAPITULO I – ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO BAIRRO DO TCHIOCO.....	4
Situação Geográfica do Bairro do Tchioco	4
1.1.1- O Clima	5
1.1.2- Flora e Fauna	5
1.2- Enquadramento Histórico	7
1.3- Divisão Administrativa Antes da Presença Portuguesa	8
1.4- Origem do Nome Tchioco	11
1.5- Organização Socio-política dos Autóctones	12
1.6- Organização Socio-económica	14
1.7- Organização Sócio – Cultural.....	17
CAPITULO II – A EVOLUÇÃO HISTORICA DO BAIRRO DO TCIOCO	21
2.1- A Fundação do Tchioco	21
2.2- Evolução do Bairro do Tchioco	24
2.2.1- Evolução Demográfica.....	25
2.2.2- Evolução Política.....	26
2.2.3- Evolução Económica.....	28

2.3- Agricultura.....	28
2.3.1- Pecuária.....	32
2.3.2- Comércio.....	34
2.4- Ensino.....	38
2.6- Construção e Arquitectura	44
2.6.1. Infra-estruturas Rodoviárias	49
2.6.2. Infra-estruturas Aeroportuárias	48
2.6.3. Infraestruturas Desportivas	49
Conclusões	51
SUGESTÕES.....	52
Bibliografia.....	53
Anexos	57

INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos, o homem procurou formar órgãos máximo que pudessem administrar a comunidade local em vários sectores da sua actuação, de modo a controlar o trabalho, a condição e a necessidade da população. Uma sociedade sem gestores é praticamente como um veículo sem travões em plena via.

A história evidencia muitos acontecimentos sociais, económicos, religiosos e políticos do bairro em estudo, dos quais alguns são positivos e outros negativos, resultado da organização administrativa local. Por isso, considera-se o bairro do Tchico, como um dos bairros mais desenvolvido do município do Lubango e com uma história pertinente.

A investigação surge como resultado das buscas realizadas em diversas fontes detentoras do conhecimento acerca do tema em estudo, por outro lado, a investigação visa premiar as diversas figuras que até hoje, guardam consigo informações pertinentes do bairro em causa. Pois, durante o percurso deste trabalho, notamos não haver nenhuma pesquisa referentes a este bairro, o que até certo ponto, dificultou a reconstituição dos acontecimentos que marcaram o bairro Tchioco.

Problema da Investigação

Como se deu a Evolução histórica do bairro do Tchioco no período entre 1885 á 2010?

Objectivo Geral

Descrever a evolução histórica do bairro do Tchioco no período entre 1885 a 2010.

Objectivos Específicos

- Analisar os meandros da Evolução do Bairro Tchioco antes da chegada dos europeus.
- Descrever a História do surgimento do Bairro Tchioco.
- Identificar as principais estruturas que caracterizam o bairro Tchioco.

Delimitação do Tema

Apresente Investigação delimitou-se no estudo da Evolução Histórica do Bairro Tchioco no período entre 1885 à 2010.

Importância do Trabalho

Do ponto de vista teórico; o trabalho em estudo visa sistematizar conteúdos relacionados com o bairro em estudo.

Do ponto de vista prático

O bairro do Tchioco hoje apresenta-se como um dos mais desenvolvidos do município do Lubango.

Assim, as razões que nos levaram a estudá-lo; reside no facto de o Bairro não possuir uma História escrita que possa contribuir para o acervo da comunidade. Após o término e aprovação desta investigação, a mesma resultará, como proposta em um manual, que será posto a disposição da comunidade académica e não só.

Metodologia

Para Sousa (2002), a metodologia pode ser definida como elemento que examina e avalia as técnicas de pesquisa, bem como a geração ou verificação de novos métodos que conduzem à captação e processamento de informação com vista à resolução de problemas de investigação.

A presente pesquisa irá guiar-se sob uma Metodologia qualitativa, através de um design descritivo.

Métodos

Método Histórico – segundo Goldman (1994), o método histórico tem como finalidade estudar e analisar as instituições e acontecimento do passado, de forma a verificar a sua influência na sociedade actual. Este método será usado nesta investigação de forma a compreender o percurso evolutivo do bairro Tchioco desde 1885 até 2010.

Método Comparativo: Este método permite-nos entender as diferentes realidades vivenciadas no mundo em cada época e em diversos espaços. Para esta investigação, este método, ajudou-nos a compreender as diferentes fases da evolução que ocorreu no bairro do Tchioco.

Pesquisa bibliográfica – segundo Alves (2012:42), faz-se pesquisa bibliográfica “quando um investigador desenvolve sua investigação a partir de estudos já efetuados por outros investigadores”. A pesquisa bibliográfica visou explicar problemas através das teorias publicadas em livros, jornais, folhetos e outras fontes secundárias.

Definição dos Conceitos-Chave

Evolução histórica segundo dicionário (2010), evolução é o acto ou efeito de evoluir, progresso paulatino e continuo a partir de um estado inferior ou simplesmente para um estado superior, mas complexo ou melhor. É precisamente o registo de factos históricos e acontecimentos mais marcantes numa determinada época.

CAPITULO I – ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO BAIRRO DO TCHIOCO

1.1-Situação Geográfica do Bairro do Tchioco

O Bairro do Tchioco está localizado no Lubango, situando-se a Leste dos bairros Comandante Valódia e Joaquim Capango, a uma altitude média superior a 1753 metros, entre os 14° 55´13´´E de Latitude; e os 13° 32´28´´ E de Longitude.(Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, Aeroporto Internacional da Mukanka).

Geograficamente está delimitado a Norte com o Bairro Nambambe, a Sul com a Figueira-Arimba, a Oeste com o Bairro Comandante Valódia e Joaquim Capango, a Este com a Comuna da Arimba.



Legenda:

■ Lubango

□ Tchioco

O Tchioco é constituído por uma população heterogénea com maior predominância dos povos Nyaneka/Nkumbi de trato fácil e com boa interacção com outras tribos.

De acordo com a tradição etnológica predominante, distingue-se comumente, alguns grandes grupos etnolinguísticos. No universo agro pastoril são numericamente mais importantes os Nyaneka-Nkumbi, que constituem, na verdade, um conjunto relativamente heterogéneo (Silva, 2003:8).

Administrativamente o Bairro está dividido em 8 Zonas; nomeadamente: Zona 1- sede, Zona 2- Humpapa, Zona 3- Bairro Branco, Zona 4- Camundanda, Zona 5- Tchima, Zona 6- Holongo, Zona 7- Santa, Zona 8- Tchima 2. (Administração do Bairro do Tchioco).

1.1.1-O Clima

O Lubango é uma das cidades mais elevadas de Angola, estando aproximadamente a 1753 metros acima do nível do mar e sendo o Bairro do Tchioco parte integrante, goza das mesmas características climáticas, apresentando dois tipos de clima: sendo um modificado pela altitude e o outro temperado frio, onde as temperaturas variam de 0 a 24 graus. Durante o dia, o clima é húmido e moderadamente quente, mas a noite as temperaturas são consideravelmente mais baixas, com temperatura média anual de 18º C. Anualmente é comum a ocorrência de extremos de 1ºC até 34ºC.

Junho e Julho são os meses mais frios, com eventuais geadas e com temperaturas entre -1 a 12 graus. A média pluviométrica anual é superior a 1000 mm. As chuvas mais intensas ocorrem, geralmente entre o início de Janeiro e o fim de Março e os meses mais quentes são Setembro, Outubro e Novembro, com temperaturas a rondarem entre os 13 e 35 graus. (Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, Aeroporto Internacional da Mukanka).

1.1.2-Flora e Fauna

A floresta é por definição fonte de bem-estar e de riqueza. É um sistema complexo, que proporciona condições ambientais e paisagísticas específicas, com um espaço multifuncional, onde podemos encontrar um mosaico de funções diversificadas (Borges,1999.10).Tendo em conta a posição de Angola no mundo, suas florestas pertencem ao grupo básico

de florestas tropicais. Quanto a flora, a província da Huíla enquadra-se na zona alta ou das gramíneas.

Em termos de vegetação, verifica-se uma predominância de florestas semi-abertas e de savana em alguns lugares, sendo as plantas como mumwé, mupanda, muhonda, mukete, mutombote, mungolo e nocheira, as mais predominantes a nível do Bairro do Tchioco.

No século XX, na década de 80, a área do Tchioco apresentava-se bastante arborizada e que devido a sua posição geográfica, constituía uma grande barreira dos ventos do Leste que atingem a cidade do Lubango.

As florestas, para além dos alimentos fornecidos pelas folhas, sementes, raízes e tubérculos, carnes de animais selvagens, mel, frutas, que contribuem para evitar a má – nutrição e a fome, muitas plantas servem para fins medicinais, caso do mbungululu, do ntumbo e do chenguete, encontrando-se na encosta da cerra da Kapalanga, área do Tchioco.

Devido aos hábitos de exploração agro – florestais associadas às práticas de criação de gado, as actividades ligadas à exploração de carvão, assim como o aumento de construções para fins habitacionais e de infra – estruturas a partir dos anos 90, têm contribuído bastante para a crescente diminuição desta população vegetal.

Quanto a fauna, na área do Tchioco podemos encontrar animais de médio e pequeno porte. Para além dos animais domésticos (gado bovino, caprino, suíno e galináceo), destacamos outros, nomeadamente: cabras do mato, coelhos, macacos, mabecos, lebre, pequenos roedores, capotam e um número considerável de várias espécies de aves e répteis.

No princípio do século XX, encontrava-se a palanca vulgar e o holongo, o que justifica a existência na área em estudo, lugares com nomes destes animais (área da Capalanga e área do Holongo). (Entrevista com Elias Muandunguila de 80 anos de idade).

1.2-Enquadramento Histórico

A África foi habitada pelo homem desde os tempos remotos, a destacar os Khoisan que viveram no actual território de Angola e regiões vizinhas há mais de cem mil anos. A investigadora Sara A. Tishkoff, da Universidade de Pensilvânia, em 2003 realizou um estudo genético de grande grupo de populações humanas actuais, tendo chegado a conclusão de que: «o berço da humanidade», ficaria nas regiões dos khoisan mais próximo do litoral entre Angola e Namíbia.

Com a emigração dos povos bantu vindos da região de Benué, de onde partiu a expansão para outras direcções incluindo os territórios da África Austral, os khoisan foram aos poucos repelidos, refugiando-se nas zonas de difícil acesso.

A partir de 1400 ou início dos anos 1500, os Nyanekas (ou vanyanekas) povos de pastores, entraram pelo sul de Angola, atravessaram o Cunene e instalaram-se no planalto da Huila (Almanaque, Conhecer 1981:17) .

Os primeiros habitantes do Bairro do Tchioco, foram povos de origem bantu, do grupo étnico Nyanekaque nas suas diversas versões, a procura de pasto, aí se fixaram por haver condições favoráveis; seguindo-se a de outras tribos e os europeus sobre tudo os portugueses (madeirenses), em 1885, no lugar dos Barracões (Tchioco).

A penetração portuguesa no território de Angola, começa em 1482, quando pela primeira vez, Diogo Cão entra em contacto com o reino do Congo, marcadas por relações de amizade. Segundo Lavrádio, (1988:10), referia que:« por toda a parte a nossa soberania exercia-se, quase exclusivamente no litoral e embora alguns portugueses arrojados continuassem a fazer conhecido no interior o nome de Portugal, tornava-se necessário, embora a custo de grandes sacrifícios firmar o nosso domínio, ocupar definitivamente. ».Portugal começa então a organizar expedições no interior sul e, posteriormente a construção de postos avançados, o que proporcionou a fundação de Benguela em 1617 e mais

tarde de Moçamedes, em 1849, tendo ambas desempenhado um papel de grande destaque na ocupação e colonização do planalto da Huila.

A colónia do Lubango, nasce oficialmente a 19 de Janeiro de 1885, quando foi celebrada uma missa pelo superior da Huila Padre José Antunes nos Barracões (área do Tchioco), lugar de chegada dos primeiros madeirenses que a posterior foram se direcionando primeiro para Oeste do local de chegada (Machiqueira) e a partir dali, iam se espalhando pelos vales do Mukufi e Mapunda, descendo até ao Caculuvar (Almeida 1936:296).

O Tchioco, área habitada por povos de origem bantu, do grupo étnico linguístico Nyanekas, tiveram a sorte e ao mesmo tempo o azar de conviver diretamente com os colonos madeirenses a partir de 1885, nos Barracões, visto que no relatório do capitão – tenente, Gonçalves Cardoso, citado por Soriano (1848), diz que: “ A vegetação se apresenta soberba, os seus autóctones são acolhedores, manifestando forte desejo de coabitarem com gente portuguesa”.

1.3- Divisão Administrativa Antes da Presença Portuguesa

O território sob predomínio dos mwilas no Tchihoko de influência sócio cultural, Nyaneka/Nkumbi, era limitado a Noroeste pela Lalula, a Norte pelo Mutombote, Nordeste pelo Dombo, a Este pela Arimba, a Sudeste pelo Chingalanganga, a Sul pelo Chiquete e Mocolo, a Sudoeste pelo Checomo e a Oeste pelo Santo António.

Fazia parte do Tchihoko, as áreas correspondente a dos Barracões ,Camundanda, Tenga, Eywa, Capalanga, holongo, Muquilengue, Humpapa, Kandjo-Figueira, Nambongula, Tyiheke e Santo António.

A semelhança do que é hoje a organização política ou administrativa do Lubango, antes da presença portuguesa a “Ombala ou Ombongue “ apresentava mais ou menos as mesmas características como é a divisão administrativa actual. Assim sendo, um verdadeiro estado, autónomo, administrava-se através do território equivalente, a província, aldeias,

bairros, e assim sucessivamente de tal forma que a hierarquização era muito bem notória. (Argajo ,2002:26,27).

No território do Tchihoko, até a chegada dos portugueses, existiam apenas os Sekulos que dependiam da Ombala do Lupolo. Estes eram representados nas áreas de sua jurisdição, pelos auxiliares ou colaboradores que estavam em contacto directo com as comunidades, transportando suas inquietações para o Eumbo (aldeia do Sekulo), local, segundo a tradição onde são resolvidos litígios relacionados com ukoi, feitiçaria, roubos, calúnias e toda a espécie de desavenças inter-familiares ou inter-comunitária.

Os europeus, sobre tudo os portugueses (madeirenses), na sua chegada a área, era regida, ou seja, tinha como regedor o Sekulo de nome TyoiaHipinduka, que administrava o território de forma quase autónoma, buscando quando necessário alguns conselhos ou informações na “ Ombala do Lupolo ” (actual comuna da Huíla), onde se situava o poder central de todo o reino da Huíla.(Entrevista com Sr. PapocecoMualunga “Calussendo” de 80 anos).

Por razões de expropriação de terras pelos colonos para construções de residências; Tyoia Hipinduka, foi obrigado a deslocar-se do lugar situado hoje as bombas de gasolina do Tchioco, para a área da Mateta, deixando seu irmão, João Tchilikuli Salupumba, como Sekulo, muito respeitado pelos “ Vatchihoko” e , pai do actual Soba da Eywa-Tchioco, o sr. Manuel Salupumba “ Candele ”, (todos da mesma linhagem). (Entrevista com a Sr. Maria Ndombwa de 82 anos).

Até a estes, a sucessão efetuava-se segundo as regras do matriarcado, sendo sucessor o irmão mais novo ou de preferência o sobrinho materno mais velho.

Na vigência do Sekulo João TchilikuliSalupumba, os portugueses na sua astúcia de colonização, obrigaram-no a encaminhar certos problemas da comunidade junto dos Serviços Cíveis (lugar do actual serviços comunitários).

Segundo Silva (2003:35), foi reconhecido aos chefes do primeiro escalão designados pelo termo genérico de “seculo” uma certa responsabilidade, e concedido um direito de “ falarem em nome do seu povo”. Em contra partida, foi-lhes, porém, exigido que preenchessem uma função auxiliar para o aparelho colonial do estado, servindo como correios de transmissão das determinações administrativas e como responsáveis do cumprimento destas determinações por parte dos membros da respetiva unidade administrativa política.

Mais tarde, para melhor governar e controlar as actividades dos nativos, os portugueses colocaram João “landja”, natural do Jau, como Sipaio, vindo da Humpata, tendo passado a Sekulo em 1961, substituindo o Sr. Jacó do mesmo cargo, isto, no Posto Administrativo da Sede de Santo-António (actual Comuna da Arimba), onde faziam parte Arimba, Tchioco e o próprio Santo António. Em 1967, “landja” é indicado ao cargo de Regedor do Posto Sede do Conselho do Lubango Distrito da Huíla. (Câmara Municipal do Lubango, 15 Março de 1973).

Conhecido pelos nativos por ”Sekulo landja”, tinha como tarefa a cobrança de imposto, recrutamento de mão-de-obra, aplicação de multas aos infractores, julgamentos e prisões, coadjuvado na altura no Tchioco pelo Sekulo João Tchilikuli Salupumba.(Entrevista com o Sr. Manuel Quinto landja de 62 anos).

Nas vésperas da Independência de Angola, “Yhandja”, pelas atrocidades que infligiu as populações sob sua jurisdição, sofreu represálias, refugiando-se para as áreas da Capunda Cavilongo; tendo falecido em 1996, no Jau, sua terra natal. (Entrevista com a Sr. Maria Luísa Francisco “Nkhukai” de 67 anos de idade).

Mais importante foi, porém, o facto de que a própria administração colonial chegou à conclusão de que, durante uma fase de transição, seria útil instrumentalizar em seu proveito a instituição dos chefes políticos “ tradicionais”. Já nos anos cinquenta, os “Sekulos” começaram a ser formalmente integrados na administração colonial, recebendo uniformes

e uma certa remuneração anual, ascendendo alguns, nos últimos anos coloniais, o status mais elevado de “regedor”. (Centro de Estudos Africanos 2003:35).

Em 2000 foram empossados pelo então Administrador do Bairro, o Senhor Alexandre António, os Sekulos Manuel Salupumba “ Candele” ,MuhenjeKalenga, José Tchiquemba, isto no Tchioco e João Baptista Cacolo como Soba para a área do Muquilengue.

É Soba Grande do Tchioco – Eywa, o Senhor Manuel Salupumba “ Candele” empolsado em 2010. Actualmente, como Soba do Tchioco é Sr. Manuel Capoco, tendo chegado no bairro por volta de 1983.

1.4- Origem do Nome Tchioco

O nome Tchioco aportuguesado, deveu-se ao facto de ser um lugar pouco habitado na altura, assim como a existência em abundância, sobretudo do capim elefante “ Muhoke ” , grandes árvores, com predominância do mumwé, mupanda, muhonda, muhamba, mukete, mungolo, mutombote, noncheira e mungolo, que na sua conjuntura, forma o que os Nyaneka/Humbi chamam de “ Muhoko ” (mata) , passando a área a se designar de “ Vihoko” (matas).

Como exemplo, temos o esquema da explicação segundo o Coordenador Provincial de línguas nacionais, o Senhor Cambindangolo:

Mata- Muhok, Matas-Vihoko.

Quimbo-Eumbo, Quimbos-Omaumbo

Casa- Ondyuwocasas-Onondyuwo

Este nome “ Vihoko ” ficou conhecido, principalmente por povos que aí se dirigiam a procura de pasto, assim como outros em visita as famílias, interpelados sobre o destino, respondiam: “ TwendakoVihoko ” (vomospara as matas); passando posteriormente para “ Tchihoko ” , nome encontrado pelos colonos que aportuguesando, chamaram o lugar de

Tchioco, perdurando até aos dias de hoje. (entrevista com o Soba Manuel Salupumba “ Candele ” de 58 anos de idade).

Esquemáticamente apresentamos a Origem do Nome Tchioco: Muhoke – Muhoko= Vihoko= Tchihoko= Tchioco.

Segundo o Soba “ Candele ” , o lugar antes, era denominado por Nkhavayahaka.

1.5- Organização Sociopolítica dos Autóctones

O homem é um animal social, isto significa dizer que o homem torna-se humano na relação com outros da sua espécie.

A família nuclear, constituída por pai, mãe e filhos é a primeira célula da estrutura orgânica da sociedade. Para Compte(2013:18), citado por Wacussanga, a família é fundada sobre o dever de obediência, a ideia da autoridade do pai e do serviço amoroso da mãe cumpre o papel estabilizador e regulador da sociedade.

Na comunidade Nyaneka a unidade residencial, Ondywo/Ondyuwo apresenta-se como um espaço organizado e distribuído devidamente a um grupo de indivíduos. A organização familiar dos Nyaneka é baseada sobre a lei do matriarcado que considera o parentesco segundo a descendência uterina. Quem exerce a autoridade em geral é o tio materno. A sucessão faz-se pelo mesmo princípio, sendo um herdeiro principal o sobrinho, filho da irmã uterina mais velha (Estermann 1983:26).

Na família extensa ou alargada, constituída por clãs, cada individuo pertence a dois clãs: o clã da linhagem materna, o fundamental e o clã paterno, clã de exaltação.

O tratamento dos membros da família não é designado por parentes. Ao filho ou filha, é tratada de “omana” acrescentando-lhe o substantivo “womulume” para o masculino e “womukai” ou “wokandona” para o feminino. Os filhos pertencem a parte feminina, às vezes, é dito pelo próprio pai “ovaingona” (ibidem:26).

Para os Nyanekas, a cerimónia de iniciação é feita para ambos sexos. O etanda, ou ekwendje, consiste para o sexo masculino na circuncisão, notypundo¹. A missão principal deste acampamento consiste em introduzir os jovens no mundo dos segredos dos homens e adultos, cuja primeira fase começa com o corte do prepúcio a sangue-frio. Os jovens, são submetidos a vários testes, aprendem a suportar a dor, criar coragem, suportar a exposição ao tempo frio, as águas geladas, a falta de alimentação, aprender a tolerar as circunstâncias da vida.

No tyipundo, está sempre presente uma guardiã, mulher protetora contra os males que possam advir, principalmente o da feitiçaria (Entrevista com o Soba Candele).

Depois de várias etapas, vem a última que consiste na queima do acampamento durante a noite. Pela manhã, o elenco dirige-se para o rio, neste caso do Tchioco, é no rio Camumuila ou Kaculuvar para o banho e troca de indumentária; começando assim, com festas efusivas.

A presença colonial portuguesa na localidade, não impediu a realização de cerimónias de iniciação. O último acto do género e de cunho puramente tradicional da História dos Vanyanekas/kumbi no Bairro do Tchioco, foi realizado em 1981, onde fiz parte.

Os Nyanekas preferem praticar o Efiko ou Ehiko, cerimónia de iniciação das raparigas, antes da primeira menstruação. Como em todos os povos Bantu, este costume tem por fim uma iniciação sexual ou consiste pelo menos, num acto simbólico que eles julgam tornar-se a futura mãe apta à geração e fecundação (Estermann, 1983:26).

A partir dos anos 90, algumas famílias do Tchioco, passaram a realizar as cerimónias do Efiko, nas paróquias da Igreja Católica.

Para estes povos, era severamente interdito ter filhos antes de casar. O casamento torna-se efectivo depois da entrega do penhor (alambamento),

¹ Acampamento onde se realiza a circuncisão.

que se deve devolver em caso de divórcio, o que contribui para manter uma certa estabilidade nos contratos matrimoniais.

No Tchihoco, os casamentos Nyaneka/nkumbi, eram direccionados segundo as famílias (kowo-ngandi ou kepata lha ngandi), com vista a se evitar desaires. (Entrevista com Lourdes de Fátima de 73 anos de idade).

É conhecido que o adultério é punido por uma multa(ukoi), infligida ao homem delinquente pagável, geralmente com boi, ao marido prejudicado. Tem-se afirmado muitas vezes que alguns maridos instigavam as mulheres a praticar este para criar uma fonte de receitas.

Creio, porém, pode dizer que, nos povos que falamos, estes casos devem ser muitos raros. O que acontece é que a mulher finge consentir, mas avisa ao mesmo tempo o marido para ele poder surpreender o rival quase «em flagrante» e receber a indemnização (Estermann 1983:27).

São povos polígamos. Além da família de carácter matriarcal, existe ainda uma outra organização familiar entre este povo: é a divisão em chamados «clãs» (Omã-pata), como as da cobra(ova-kwanhoca), a do boi (ova-kwanangombe), a do leão (ova-kwanime), como se vê, todos estes clans se designam por um nome dum animal. Outros têm nome de plantas. Esta particularidade faz supor nesta organização vestígio de totemismo. Com efeito, encontra-se outro elemento essencial a esta instituição, é a exogamia. (Estermann 1983:28).

1.6- Organização Socio-económica

No Continente Africano, a agricultura e a criação de gado aparecem quase em simultâneo, isto é, no 3º milénio a.C. no Egipto. Assim, no concernente a povoação do Tchihoko, identificamos as seguintes actividades económicas: criação de gado (bovino, caprino, suíno e galináceos), fabrico de bebidas Caseiras, prática de agricultura de sequeiro, prática de artesanato e o comércio.

Criação de gado bovino - Actividades consideradas de maior relevo, visto que o valor da riqueza dos povos Nyaneka/Humbi ser avaliado em cabeças de gado.

A função social do boi no seio das comunidades agro pastoris do sul de Angola (Vanyaneka, Vaherero, Ovawambo ...). O boi serve não só para fins agrícolas e alimentares, mas é parte da estratificação do status Social do seu proprietário, elemento indispensável de cerimónias religiosas, de iniciação como o Efiko, Ekwendje, Tyiwavo, sem excluir empréstimos, aluguer, multas, depósitos, etc.(Wacussanga, 2013:7).

Considerado o banco do criador, o gado só era comercializado apenas em momentos críticos como nas doenças, morte, crise de fome, para as festas e cerimónias tradicionais. Raramente o boi é utilizado para fornecer carne a família. Quando tal acontece, aproveita-se quase de tudo: a carne para a alimentação, a pele para o vestuário, o chifre para o artesanato, o estrume (bostas) como fertilizantes, o leite que é consumido fresco ou azedo com pirão, ainda do leite extrai-se a manteiga (ngundi), utilizada no tempero e para ungir o corpo.

Nem todas as regiões habitadas por estes povos oferecem sempre condições favoráveis à criação de gado. Um pastor deve saber escolher melhores pastagens para o seu rebanho, levando para sítios onde se encontre com abundância qualidades de ervas nutritivas.

No círculo secreto destes povos, sacrificam o boi como força de poder mágico para apaziguar espíritos de pessoas mortas por um feiticeiro. (Entrevista com o senhor Lumingo Kangala de 80 anos de idade).

Gado caprino – tipo de gado que os Nyanekas têm, cuidam e valorizam depois dos bovinos, comercializados em questões curtas e de emergência. O leite muito usado em casos de desnutrição infantil. Criação de suínos - em pouca escala devido a peste suína é também comercializada para apoiar as necessidades básicas das famílias.

Galináceos - (fonte imediata de rendimento); são vendidas com muita frequência, também os ovos são comercializados e por vezes as galinhas são utilizadas para o consumo da família, em especial quando há visita.

Fabricos de bebidas Caseiras - utilizando cereais fermentados, nomeadamente a Massambala, fabricam bebidas alcoólicas como: aguardente (canhome) e o Macau (Onkela), que são comercializadas na comunidade e servem de pagamento nas actividades de auto ajuda que acontecem (ondjambi).

A agricultura dos povos do sul de Angola está intimamente dependente da época das chuvas. Tendo o seu início, geralmente em princípios de Outubro e fins de Setembro, isto quando as terras de maior altitude e um pouco mais tarde nas de menor. A cava é feita por meio de uma pequena enxada (Estermann, 1960:174).

Este povo cultivava principalmente três tipos de cereais: massango, massambala e milho, variando de região para região; sendo o massango o mais preferencial por ser um cereal menos exigente quanto a natureza do solo e de maior resistência ao calor. Cultiva-se também abóbora (Omatanga) e o feijão macunde, que servia não só da alimentação, como também para o comércio com outros produtos de que necessitavam.

Antes do início das chuvas, nos Meses de Agosto e Setembro, os "Ovamwila", realizam o "Ondjelwa"². Cerimónia esta que a nível do território da Huíla, é celebrada apenas no Jau, visto ser o lugar na região onde viveram e vivem desde os tempos, os detentores do célebre poder. Os povos do Tchihoko deslocavam-se para o lugar para participar da mesma cerimónia.

Segundo Estermann (1983:30), dois Sobas desta região tiveram uma importância particular por serem favorecidos dum poder especial sobre a chuva. Era nos Ambos o Soba do Evale e nos Nyanekas o da Huíla.

Na altura de lançar a semente a terra, estes povos realizam uma pequena cerimónia, "otyi-kulutula", sendo protagonista uma mulher possuída «de um espírito de cultivo ou de campo».

² Cerimónia de consagração aos deuses da chuva, por intermédio do boi sagrado.

Depois que os produtos dos campos estiverem prontos, realiza-se o “Makela”, pequena cerimónia de agradecimento relacionada a colheita do ano agrícola; sendo numa única panela de barro misturar-se maçaroca, batata doce, matila, feijão makunde e jinguba com casca, e posta ao lume. Depois de pronta, os alimentos são ingeridos juntamente com um pedaço pequeno de carvão vegetal na primeira golada, isto para afastar o mal ao novo alimento, (Entrevista com Arminda de Jesus de 66 anos de idade).

Prática de artesanato (trabalho com madeira como os «maholo» recipientes de madeira que servem para ordenhar, lemos, almofariz, pilaus) que são comercializados normalmente por trocas com cereais.

Tendo em conta da existência da matéria-prima (argila), no território em estudo, as “Ovampaka” (oleiras), fabricavam utensílios de uso doméstico, a destacar pela panela de barro, tijelas, potes, copos, sangas e outros, que servem também para fazer trocas com produtos, principalmente de origem agrícola e da criação de gado.

Nos Nyaneka, homens especializados fabricam os utensílios domésticos de madeira, esculpando-os com uma faca, tais como baldes para leite, copos para cerveja e o curioso travesseiro dos Nyanekas, de que se servem as mulheres e raparigas adultas, e que evita o desarranjo do complicado penteado. Os trabalhos de Olaria são executados por mulheres habilitadas. (Estermann, 1983:24).

1.7- Organização Sócio – Cultural

Fazem parte da cultura de um povo entre outras as seguintes actividades e manifestações: a música e a dança, o teatro, os rituais religiosos e tradicionais, a língua, mitos, hábitos alimentares, arquitectura, formas de organização social e muito mais.

Os Vanyaneka do Tchihoco sendo eles povos de origem bantu, também praticam estas actividades e manifestações culturais.

As principais festas são: Ondjyelwa, o *Etanda* (ritual masculino), o *efiko* (ritual feminino), Ovitika³, o Muhelo⁴, o pitapondje, entre outros.

As danças são várias, entre as quais destacam-se o Tyiwangawanga ou Tyissaki⁵, a “kambangula”⁶, Mussakalunga. (Entrevista com Joaquim Mulike de 68 anos de idade).

Os instrumentos musicais contemplam entre outros, o batuque, Mbulumbumba, puita.

O Ndambo ou TYInkwani é o vestuário de uso comum para ambos os sexos; resume-se em dois pedaços de pano ou de pele, com amarra na cintura por uma fita com missangas, para as mulheres e, para os homens, uma fita de pele de boi ou de cabrito, onde coloca seus instrumentos de defesa.

As mulheres Nyaneka mostram sua vaidade nos adornos com missangas na cabeça e no pescoço, pulseiras, nos braços e nas pernas, anéis nos dedos e o cruzamento de missangas nas costas.

Destaca-se ainda o “ Empho” , cinto com dois ou três cordões de missangas, usado na parte interior da cintura, que segundo os segredos feminino têm a função de criar atracção ao homem para o acto sexual.

O adorno nos dentes dos homens, recai no “Nghoela”⁷, , provocando o “Tyikui”⁸.

Como todos os Bantu, os povos do Tchihoko creem na existência dum ente superior, que recebe os nomes de Huku, Kalunga e Tate-Kulu (Deus, Senhor e pai poderoso) consoante as circunstâncias da vida.

³ Pedido de casamento tradicional.

⁴ Casamento tradicional.

⁵ Dança de divertimento dos adolescentes.

⁶ Dança nyaneka com roda e solos que evocam os bois, cujo cornos são figurados pelos braços levantados.

⁷ Palheta de latão que o pastor traz sempre na boca.

⁸ Assobio característico, modulado por uma palheta de latão.

O intermediário oficial entre o mundo dos espíritos que intervêm na vida dos mortais, ora favorecendo-os, ora, e sobre tudo, castigando-os com doenças e moléstias é o feiticeiro, de ambos os sexos.

Em geral, recorre-se, em caso de doenças, de preferência a feiticeiros do sexo feminino e em casos de morte aos do sexo masculino. Estes exercem nestas alturas o funesto poder de descobrir quem foi que «comeu a vida» do defunto, pois todos estes povos não acreditam na morte natural. Quase sempre cai a suspeita sobre uma pobre criatura inocente – quando se trata de um polígamo que faleceu, não é raro ser acusada uma das mulheres – a que se atribui o poder de possuir Uanga com que «matou a vida» do defunto, (Estermann, 1983:29).

Passado o luto, a família dirige-se a um quimbanda que vive próximo para saber a causa da morte. Em seguida procuram outro que vive mais distante este poderá adivinhar o autor do crime indicado através de informações pouco claras. Depois de se conhecer o autor do crime segue-se a intimação do mesmo e juntos comparecem diante de um terceiro quimbanda que por sua vez vive ainda mais distante que os dois primeiros. Após a sentença é paga uma indenização ou então será condenada a morte. (Cassoque, Mucombe e Tchopilica, 2013:23).

O Ensino para os Nyaneka/Nkumbi é baseado na Educação Tradicional, que conta com instituições e lugares onde decorre o processo. Este facto verifica-se nas diferentes regiões socioculturais de Angola, mudando apenas a forma de denominação dos mesmos, sendo a essência a mesma, que é servir de espaço privilegiado para a transmissão dos valores morais, cívicos e culturais de mais velhos aos mais novos.

Nos Vamwila, a maior instituição é o “hotyoto, sendo um espaço familiar ou comunitário onde os mais velhos resolvem os mais diversos problemas comunitários e, até inter-comunitário.

Nesse espaço e instituição de sabedoria, os mais velhos contam histórias do percurso da comunidade (origens, relações interétnicas, os conflitos, entre outros inventos mais importantes) e passam os ensinamentos sobre

a vida dos antepassados fundadores, despertando e formatando nos jovens a consciência de pertença, de solidariedade, de respeito e assunção dos valores histórico-culturais. (Kundongende, 2013:59).

A educação teórica acontece geralmente à noite depois do jantar no “hotyoto”, e engloba todos os domínios da vida. As crianças eram educadas através de provérbios, contos (ononghano), narrações e parábolas (Omoambo). Quanto a educação prática, era dada nas actividades do quotidiano na lavoura, nos pastos, na caça, na olaria e noutras instituições como o Ekwendje e o Efiko.

Do ponto de vista social, as crianças e adolescentes devem conhecer perfeitamente o lugar que cada um ocupa no seio da família nuclear e da família alargada. A criança e adolescente sabem como tratar cada membro da sociedade e como deve ser tratado pelos mesmos. Conhece as funções e o trabalho que deve exercer quando se encontra com pessoas adultas ou mais novas. Com isso, a criança é testada para provar a sua própria capacidade intelectual e a sua maturidade psíquica (Ibidem:242).

CAPITULO II – A EVOLUÇÃO HISTORICA DO BAIRRO DO TCIOCO

2.1- A Fundação do Tchioco

A Fundação do Tchioco, começa com a fixação dos povos de origem Bantu, do grupo étnico Nyaneka, que a procura de pasto, aí se fixaram por haver condições favoráveis, vindos da região dos grandes Lagos, como já frisamos, que a partir de 1400 ou início dos anos 1500, os Nyanekas (ou Vanyanekas) povos de pastores, entraram pelo Sul de Angola, atravessaram o Cunene e instalaram-se no planalto da Huíla.

A pois a sua fixação, os povos em estudo, com experiências trazidas do ponto de partida e outras adquiridas durante o seu percurso, começaram a erguer habitações feitas de pau a pique cobertas de capim, exercendo actividades de rotina diária, como a criação de gado, a agricultura de subsistência, o comércio, abertura de picadas estreitas para a passagem de zorras e pessoas, facilitando a permuta e o contacto com povos vizinhos e outros.

Da chegada dos nyanekas no Tchioco, segue-se a de outras tribos e os europeus, sobre tudo os portugueses (Madeirenses), que se instalaram nos Barracões.

O Lugar descoberto em 1883 pelo Capitão – Tenente, Gonçalves Cardoso quando chefiava uma expedição militar, vindos de Alba Nova (actual Comuna da Huila), orientados pelo Capitão de 2ª Linha, Nestor da Costa, agricultor da Bibala, a pedido de Câmara Leme, com objectivo de encontrar um lugar favorável a prática da agricultura e que contava com a colaboração do Padre José Maria Antunes. Câmara Leme, por sua vez informou ao Governador-Geral da colónia, Ferreira do Amaral, que

chegara a uma região propícia para a agricultura, visto apresentar-se com terrenos férteis e com abundância de água. No Tchioco, o lugar dos Barracões, tinha como limite territorial com relação à outros territórios ou áreas, uma linha divisória natural de dois rios, sendo um, o rio Tchanquenda⁹, depois rio Capitão a Oeste, e outro, o rio Caculuvar ou Camumuila a Noroeste, o que contribuiu em grande medida para efectivação do projecto tão esperado, o da prática da agricultura, pela existência em abundância de água para a irrigação dos campos. (Entrevista com Sebastião Pereira Fernandes de 94 anos).

A 16 de Janeiro de 1885, chega ao vale do Lubango, num local conhecido por Barracões, a segunda leva de madeirenses, sendo, a 19 do mesmo mês, fundada oficialmente a colónia de Sá da Bandeira, em homenagem ao Marquês com o mesmo nome, que chefiava o ministério Ultramar, ficando a ser dirigida pelo condutor de obras públicas, D. José de Câmara Leme.

A vinda dos madeirenses ao vale do Lubango, obedeceu já os melhores critérios de selecção. Sousa Coutinho advertiu os seus superiores em Portugal que a única maneira de evitar a ruína total de Angola era substituir imediatamente o degradado por camponeses portugueses livre; recaindo sobre Câmara Leme tal enorme responsabilidade de recrutamento na Madeira, a pois o fracasso das várias tentativas para o povoamento branco com degradados (caso do célebre Zé do Telhado), com o objectivo de se livrar do lixo perturbador (delinquentes, prostitutas, bêbados, vagabundos, etc.), na Metrópole.

A colónia nasce oficialmente a 19 de Janeiro de 1885, quando foi celebrada uma missa pelo superior da Missão da Huíla Pe. José Maria Antunes nos Barracões, no actual Bairro do Tchioco, local escolhido para em primeiro lugar acolher os madeirenses. (Monografia, Cassoque, 2013:37) .

⁹ Nome da primeira pessoa a habitar junto a nascente do rio.

Do lugar de chegada, um pequeno grupo de colonos com suas respectivas famílias, aí se fixou, começando por construir as primeiras moradias provisórias, que de imediato deram início as actividades, como a abertura de hortas, criação de animais, comercio com os nativos e mais tarde o ensino.

Foi a partir dos Barracões, que os portugueses tomam a direcção Oeste, dirigindo-se lentamente para o bairro da Machiqueira, construindo a cidade do Lubango. E mais tarde, a medida que a cidade se ia desenvolvendo, também se ia alastrando para outras áreas. É assim que três comerciantes aventureiros tomam a direcção Este e, num lugar alto e plano em relação aos Barracões, começam com a construção de suas moradias, em 1955.

A fundação do Tchioco propriamente dita, começa no lugar onde foram erguidas as primeiras três moradias definitivas de tijolo bruto com cobertura de telhas, primeira do Sr. Ribeiro Amaro em 1954, seguindo-se a dos Senhores António Varela e José Maria em 1955, todos comerciantes; isto, em frente e do lado Sul da estrada de acesso ao Aeroporto a Cidade, entre as duas primeiras estradas de terra batida que da acesso ao interior do Bairro. Nos anos a seguir, isto, em 1956 em diante, foram surgindo outras construções no local de moradias, tanto definitivas como provisórias de forma urbanizada, assim como nos arredores de forma esporádica.

A picada estreita e rudimentar é reabilitada, passando para estrada de terra batida, dando acesso a cidade do Lubango ao Aeroporto. Neste mesmo ano tanto a população europeia quanto a nativa aumentam e, funda-se o Tchioco no lugar considerado hoje como sede do bairro e onde se encontra também a Administração do Bairro com o mesmo nome, começando assim, a subjugação e a expropriação de terras pelos colonos no Tchioco, visto que a partir do evento, alguns autóctones eram obrigados a deixarem suas casas e se dirigirem para arredores seguras. (Entrevista com o Sr. Mário Oreste Aguaiella de 94 anos).

2.2- Evolução do Bairro do Tchioco

De pequenos quimbos com casas provisórias de pau á pique, cobertas de capim, com uma agricultura de sequeiro e criação de gado rudimentar dos nativos, assim como a abertura de picadas estreitas, que também numa primeira fase os europeus se serviram; marca o começo para posterior evolução do Tchioco.

Na sua instalação nos Barracões em 1885, os colonos madeirenses iniciaram com os trabalhos que lhes era confinado, o de abertura de valas a partir do rio Caculvar ou Camumuila, assim chamado vulgarmente pelos nativos, para irrigarem os campos, hortas e mais tarde pomares.

No segundo ano de fixação, na colónia encontravam-se já concluídas as valas que passavam a irrigar todos os campos da colónia (Arrimar 1997:28).

A partir dos anos de 1954 a 1956 em diante, verifica-se um certo desenvolvimento no que diz respeito as construções de casas comerciais e moradias provisórias e definitivas de forma urbanizadas, a construção do 1º aeroporto no Tchioco (visto que o 1º aeroporto no Lubango foi construído no Alto da Mitcha), construções de pontes e da estrada de terra batida que dá acesso a cidade ao Aeroporto. Neste mesmo ano tanto a população europeia quanto a nativa aumentam.

Após o alcance da Independência de Angola em 1975 até o ano de 2010, notou-se uma evolução considerável no que tange as construções de infra-estruturas, verificando-se a construção do Aeroporto Internacional da Mukanka, assim como a reabilitação da estrada que dá acesso ao mesmo aeroporto à cidade do Lubango, passando a ter duas faixas de rodagem em cada sentido, a construção do Estádio Nacional da Tundavala, a extensão da rede de energia eléctrica em todas as zonas que compõe o Bairro. Notou-se também uma evolução na dinâmica do comércio, na educação e na saúde, com a construção de mais e escolas e postos de saúde.

2.2.1- Evolução Demográfica

Como já frisamos, os primeiros habitantes do Bairro do Tchioco, foram povos de origem bantu, do grupo étnico Nyaneka que nas suas diversas versões, a procura de pasto, aí se fixaram por haver condições favoráveis; seguindo-se a de outras tribos e os europeus sobre tudo os portugueses (madeirenses), em 1885, no lugar dos Barracões.

Os nativos até finais dos anos 50, viveram nos eumbo¹⁰ em forma de agregado familiar, incluindo por vezes marido das filhas, o que mais ou menos rondava num número entre 12 à 15 pessoas, que podia aumentar no caso do responsável familiar ou o dono do eumbo, fosse detentor de muitas cabeças de gado, principalmente de bovinos.

No planalto da Huila, a população europeia era bastante densa, não apenas nas aglomerações urbanas, como no Lubango, Humpata, Huila, Chibia e Hoque, mas também nas áreas rurais, como pequenos agricultores. A população rural africana pertence ao grupo Nyaneka-Nkumbi(cerca de 80% Mwila). Com 13.937 explorações recenseadas, a zona acusa uma densidade rural de 15 hab/km². (Silva 2003:8).

No que se refere a população branca no Tchioco, destaca-se os primeiros 222 madeirenses que se instalam nos barracões em 1885. Daí em diante foram surgindo outros, a destacar-se pela presença na área dos primeiros três comerciantes portugueses e suas famílias por volta de 1955 e, nos anos posteriores outros de forma paulatina, também comerciantes, professores, outros funcionários públicos e privados, que juntamente com os nativos, constituíam uma comunidade, com a população no sentido ascendente até a data da independência de Angola, altura que muitos dos portugueses estavam de regresso a Metrópole, invertendo o sentido da emigração estrangeira. De 1976 a 1990, a população vai aumentando de forma lenta, estando numa perspectiva de estagnação nos anos entre 1991 a 2002, devido o reacender da guerra civil.

¹⁰ Pequena aldeia.

De 2003 à 2010, verifica-se no Bairro do Tchioco um aumento consideravelmente da população, chegando a um total de 41.327 habitantes, sendo 19.126 Homens e 22.201 Mulheres, espalhados por todas as Zonas que compõem o mesmo bairro. (Relatório da Administração do Bairro do Tchioco, 2010).

Factores como o surgimento e grandeza da famosa “Praça do Tchioco”, no que se refere ao comércio; a construção de infra-estruturas como a estrada do Aeroporto ao Novo Estádio da Tundavala, assim como a construção do próprio Estádio e a expansão da rede eléctrica em todas as Zonas do Tchioco, justificam o aumento populacional no período em causa no referido bairro.

2.2.2- Evolução Política

Até a chegada dos europeus, sobre tudo os portugueses, Tchioco era administrado apenas por Sekulos, que dependiam da Ombala do Lupolo (actual comuna da Huíla), onde se situava o poder central de todo o reino da Huíla.

A autoridade encontrada pelos portugueses no território do Tchioco em 1885, foi o Sekulo Tyoia Hipinduka, que era representado nas áreas de sua jurisdição, pelos auxiliares ou colaboradores que estavam em contacto directo com as comunidades, transportando suas inquietações para o Eumbo, local, segundo a tradição onde são resolvidos litígios relacionados com ukoi, feitiçaria, roubos, calúnias e toda a espécie de desavenças intrafamiliares ou intercomunitária.

Tyoia Hipinduka, é quem teve honra de vivenciar a chegada dos primeiros colonos madeirenses nos Barracões em 1885, que a partir daí viu seus poderes ou autoridade serem retirados aos poucos.

Por razões de expropriação de terras pelos colonos, Tyoia Hipinduka muda-se para a área da Mateta, deixando seu irmão João Tchilikuli Salupumba, como Sekulo, que na sua vigência, os portugueses na astúcia de colonização, obrigaram-no a encaminhar certos problemas

da comunidade para junto dos Serviços Cívicos (lugar do actual serviços comunitários). (Entrevista com o Sr. Mário), para melhor governar e controlar as actividades dos nativos.

Os portugueses colocaram o Sipaio de nome “Yhandja”, natural do Jau, como Regedor Geral do Posto Administrativo da sede de Santo António (actual Comuna da Arimba), onde o Tchioco, o Santo António e a própria Arimba respondiam administrativamente. O mesmo Sekulo, tinha como tarefa a cobrança de imposto, recrutamento de mão-de-obra, aplicação de multas aos infractores. Em 1974, nas vésperas da Independência de Angola, “Yhandja”, pelas atrocidades que infligiu as populações sob sua jurisdição, foi chicoteado, ao ponto de ser retirado uma vista e, refugiando-se para as áreas de Quipungo; tendo falecido em 2009, no Jaú, sua terra natal. (Entrevista com Maria Luísa Francisco “Nkhukai” de 67 anos de idade).

Com a Independência de Angola a 11 de Novembro de 1975, precisamente em 1982, o Tchioco passa a ter Estatuto de Bairro, criados à luz da Resolução nº 7/82, de 6 de Abril, da então Assembleia do Povo.(Monografia da Administração Municipal do Lubango).

A partir da data, o novo Governo instalou no Bairro um Comissariado, tendo passado três comissários, sendo o 1º, o senhor José Manuel Francisco e o último, o senhor Rafael Kamaquili, isto em 1988.

Em 1998, os Comissariados passaram para Administrações, que até a data, passaram pelo Tchioco Seis Administradores, sendo o primeiro, o senhor Manuel António Simões de 1998 à 2000 e, o actual, o senhor Mário Gabriel Samba. Actualmente, o Bairro está dividido em 8 Zonas representados pelos respectivos coordenadores, não existindo Sekulos, apenas Coordenadores das Comissões de Moradores. (fonte: Alexandre António de 57 anos).

2.2.3- Evolução Económica

A base económica dos nativos, dependia essencialmente da criação de gado e da agricultura, para além do artesanato e do comércio. Da criação de gado, aproveita-se quase de tudo: a carne, o leite, o chifre, o estrume (bostas) e a pele. Na agricultura, cultivava-se principalmente três tipos de cereais: massango, massambala, milho e cultivava-se também abóbora (Omatanga) e o feijão macunde. Do artesanato fabricavam os «maholo»¹¹lemos, almofariz, pilaus, panela de barro, tijelas, potes, copos, sangas e outros. No comércio, as trocas era na base de produtos agrícolas, pecuária e artesanais.

Com a chegada dos europeus em 1885, as actividades essenciais e tradicionais (pastorícia e agricultura), de que viviam os povos do Tchioco, sofreu transformações em benefício dos colonizadores. A força económica dos novos habitantes assentava-se em primeiro lugar, na posse da terra por ser a fonte de sobrevivência no que diz respeito a alimentação e posterior desenvolvimento.

Um princípio fundamental das políticas coloniais portuguesas durante cinco séculos de colonização era que o melhor meio de garantir a soberania portuguesa, de civilizar as populações indígenas e de desenvolver as economias coloniais consistia no estabelecimento de agricultores de Portugal nas chamadas províncias ultramarinas.

2.3- Agricultura

Os Nyaneka praticam uma agricultura familiar de subsistência. Este povo, cultivava principalmente três tipos de cereais: massango, massambala e milho; sendo o massango o mais preferencial por ser um cereal menos exigente quanto a natureza do solo e de maior resistência ao calor. Cultiva-se também abóbora e o feijão macunde, que para além de servir para a alimentação, também servia para a permuta.

¹¹Recipientes de madeira que servem para ordenhar.

A agricultura dos povos do sul de Angola está intimamente dependente da época das chuvas. Tendo o seu início, geralmente em princípios de Outubro, e fins de Setembro, isto quando as terras de maior altitude, e um pouco mais tarde nas de menor. A cava é feita por meio de uma pequena enxada (Estermann, 1960:174).

Com o tempo e por razões de necessidades, devido o aumento da população, tal hábito foi aos poucos ultrapassado, aumentando assim as áreas de cultivo, graças a existência de bovinos de que esses povos eram detentores.

Os povos agricultores, possuíam bovinos que representavam igualmente uma forma de entesourando e de prestígio social, procurando aumentar os efectivos com o resultado das vendas dos produtos agrícolas que produziam, adquirindo algumas fêmeas e destinando os bois para o trabalho de tração de carros, para transporte de mercadorias, por vezes a longa distância, ou para a tração de charruas o que permitia aumentar as áreas agrícolas e o seu rendimento (Matos,2005:120).

Na chegada dos primeiros madeirenses nos Barracões, aí a sombra de uma árvore do mato, ouviram a sua primeira missa a 19 de Janeiro de 1885; e daí partiam diariamente para os trabalhos da abertura de valas para o regadio dos seus terrenos.

Segundo Cassoque (2013), citando Dias (1957:13,14), cada colono recebeu o seu talhão de terra, animais e instrumentos de trabalho, começou assim a vida agrícola na colónia, embora marcada por alguns obstáculos ligados a dificuldades de adaptação ao clima, inadequação das culturas.

Nos barracões, os colonos encontraram condições naturais favoráveis a prática da agricultura, com solos férteis e a existência de dois rios permanentes; sendo um o rio Caculuar ou Camumuila, próximo do lugar da instalação dos portugueses, onde se começou com uma agricultura de regadio e de sequeiro, com a introdução pela primeira vez no Bairro de novas espécies de hortaliças, como rabanetes, cebolas, ervilhas, couves, alfaces, alhos e outras ervas aromáticas que serviam tanto para tempero e como medicinais (alecrim, salsa, hortelã, etc.).

houve também a introdução de algumas sementes de feijão, milho, trigo, grão-de-bico. Na fruticultura destacava-se as macieiras, mangueira, laranjeira, pereira, tangerineira, pitangueira, os pessegueiros e Figueiros. E outro, o Rio “Tchanquenda”, depois “Ndongui-ya-Guerra” mais tarde rio “Capitão”, que para além das culturas já mencionadas ao longo do rio anterior, neste, destaca-se na introdução pela primeira vez na área em estudo e que Sá no Lubango, da árvore da folha de louro, nos pomares dos senhores Pires e António Guerra, cujo último construiu um açude ao longo do mesmo rio para irrigação.

As formas e métodos de agricultar a terra, assim como a introdução de novo tipo de horticultura e fruticultura pelos portugueses, influenciou na forma de cultivo dos nativos, como também criou hábito nos mesmos em fazer plantações de árvores de frutos nos seus quintais.. (Entrevista com Mário Oreste Aguaaiella de 96 anos de idade).

Câmara Leme ao chegar no vale do Lubango, entusiasmado escreveu ao Governador-Geral da colónia, informando que chegara a uma região maravilhosa para a agricultura.

Havia abundância de água para irrigação. Os terrenos eram férteis. O clima apresentava-se duma amenidade incomparável. As serranias bem arborizadas faziam-lhe lembrar a remota madeira. A Ilha da Madeira, super povoada poderia fornecer os primeiros contingentes de povoadores. Seria mais uma bela povoação portuguesa em África, uma povoação de grande futuro (Boletim Municipal da Câmara de Sá da Bandeira, 1971).

A partir do local de chegada, que cada colono Madeirense, lhes foi distribuído bois para os trabalhos do campo, que depois passaram a conciliar a agricultura com a criação de gado, praticando a mesma actividade noutras áreas do bairro, a medida que iam fixando residências, com abertura de lavras, hortas e pomares, aparecendo assim a charrua ao lado da enxada e, com frequência a carroça e o arrasto com zorra, correspondendo a um aumento nítido da utilização da energia animal, especialmente do boi nos trabalhos, não havendo, no entanto, praticamente nenhuma mecanização até 1960.

Em 1974, nas vésperas da Independência de Angola, muitos dos donos (colonizadores) abandonaram suas hortas e pomares, ficando sob controlo de trabalhadores ou guardas nativos; sendo algumas recuperadas pelos proprietários ou familiares depois de 1980.

Depois da Independência de Angola em 1975, a agricultura no Tchioco continuou. Em 1980 o Governo com o objectivo de garantir a sustentabilidade das populações no que se refere a alimentação, criou as Cooperativas, que no lugar em estudo é de destacar a cooperativa do “Camundanda”, cujas responsabilidades estavam a cargo do senhor Cahumbamba Katuculuca que pela sua organização e produtividade garantiu satisfação aos moradores. A mesma estava localizada a 3km dos Barracões e a 8km do Lubango, junto ao rio Caculuvar ou Camumuila, com estruturas de armazenamento de produtos do campo herdadas do colonizador, tendo o projecto terminado em 1992.

Mas a actividades continuou no Bairro e dentre os produtos destacou-se a massambala, como sendo o último cereal a ser cultivado nos arredores próximo ao centro do bairro (das casas coloniais urbanizadas), o que deu baptismo ao campo de futebol Onze deixado pelo colono, para campo da massambala, isto por jovens moradores praticantes do mesmo desporto, por haver até 2010 uma lavra de cultivo do mesmo cereal na parte Este, junto ao campo. Nome esse divulgado também pelos órgãos de informação da província, nos programas desportivos.

É uma actividade que devido a expropriação de terras dos nativos pelos colonos e não só, ao aumento das construções de moradias provisórias e definitivas, assim como de infra-estruturas, isto a partir de 2006 e com maior ênfase em 2009 em diante, os campos de cultivo no bairro aos poucos foram desaparecendo e, hoje, encontrando-se apenas na área do Camundanda e nalguns lugares ao longo do rio Caculuvale ou Camumuila.

2.3.1- Pecuária

A pecuária no Tchico, reflecte os primórdios da ocupação pelos povos pastores, provenientes de populações deslocadas com os seus gados de cultura Bantu que abandonaram posteriormente os territórios de origem, nas cercanias da floresta equatorial, para descerem em vagas sucessivas em direcção a África Austral, apressando-se com a chegada as savanas do território de Angola, ocuparam o Sul, que atravessando o Cunene, instalaram-se no planalto da Huíla por volta do século XV.

Na sua deslocação e posterior fixação, estes povos levavam consigo na maior parte espécies de bovinos pouco corpulentos, de pelagem predominante negra ou negra malhada de cornos pouco longos e relativamente finos, revelando talvez uma maior influência do designado *Bosbrachicerus*, que com o cruzamento de outras raças, deram origem ao Africânder, ao Tuli, ao Mashona e ao N'guni. (Matos 2005:119).

No Tchoco, os Nyanekas para além da agricultura, dedicavam-se também à criação de gado diverso como o gado bovino, caprino, suíno, embora hoje notando-se tal prática em algumas zonas periféricas do Bairro em número muito reduzido. Raramente o boi é utilizado para fornecer carne a família, por ser considerado parte da estratificação do status social do criador. Quando tal acontece, aproveita-se quase de tudo: a carne para a alimentação, a pele para o vestuário, o chifre para o artesanato; sendo o leite o alimento diário que é consumido fresco ou azedo com pirão, ainda do leite extrai-se a manteiga (ngundi), utilizada no tempero e para ungir o corpo.

Apesar do contacto com outros povos e das influencias que devem ter sofrido, os povos pastores mantiveram os hábitos e formas de sobrevivência, continuando intimamente ligado a utilização principalmente do leite, para satisfação das suas necessidades alimentares; raramente batendo bovinos, a não ser em ocasiões excepcionais de motivação social, como óbitos ou casamentos, aproveitando, até há pouco, as peles para vestuário, e exibindo as cabeças como troféus, espetadas em paus, como testemunho do evento (matos 2005:119).

Estes povos, sabiam cuidar bem do seu gado, não só sabiam escolher melhor pastagem em lugares com abundância de ervas nutritivas, mas

também conheciam a cura das várias doenças que pudessem ameaçar o pasto. Os bois obedecem o pastor e se algum se afasta, basta um chamamento pelo nome atribuído de costume, como Santuferri(boi obediente), Macumane (boi preguiçoso), Patene (boi forte), Mbuleshe, etc. ou por um assobio característico, modulado por uma palheta de latão “ngoela” que o pastor traz sempre na boca, para que o fugitivo regresse à manada. Com habilidades idênticas no Tchioco, destacou-se entre outros o pastor de nome Cangolongolo. Tudo isto nos faz crer na experiência e valor que estes povos tinham para com o seu gado(Abraão, 2002).

É a partir dos barracões, que cada colono madeirense, lhes foi distribuído bois na sua chegada para os trabalhos do campo, que depois passaram a conciliar a agricultura com a criação de gado, sendo o gado aumentando aos poucos na comunidade branca através do comércio, que tudo fez para adquirir a partir dos nativos que detinham esses animais em maiores quantidades.

o gado passou então a constituir uma forma de rendimento para a aquisição de bens de consumo, com grande predomínio das bebidas alcoólicas, sobre tudo o vinho importado da metrópole, cujo consumo era incentivado pelos comerciantes “do mato”, para assim adquirirem o máximo de bovinos. (Matos 2005:121).

Considera-se a evolução dos efectivos bovinos na posse dos povos africanos, ao longo dos tempos recentes, sobretudo a partir da criação dos serviços Veterinários de Angola. No território em estudo, o gado era levado para a Arimba, por haver serviços próprios no tratamento de tais animais. As novas explorações, constituídas com base nas fêmeas de gado autóctone adquiridos no Sul, foram melhoradas por touros importados das mais variadas raças e proveniências, desde a então Rodésia do Sul, África do Sul Sudoeste Africano e Brasil – Zebú, para citar as mais importantes(Auge, 1975).

Até 1985, notou-se no Tchioco algum gado já melhorado nos currais dos senhores Roque e Magalhães, cujo último era proprietário de um talho na mesma localidade, e ambos possuíam tanques de banho para o tratamento do gado. Com o advento da Paz em 2002, nota-se uma diminuição drástica da família bovina e caprina na área, devido a invasão

pelos populares das áreas de pasto de forma continua para dar lugar as construções, o abate diário que se fazia sentir no mercado paralelo do Tchico e os roubos. O boi não só serviu como parte da estratificação do status social do criador e como fonte da alimentação, mais serviu também como meio de tração de zorras e carroças para o transporte de produtos, proporcionando assim o comércio(Estermann, Etnografia do Sudoeste de Angola, os Povos não Bantu e o Grupo Étnico dos Ambós,, 1960).

2.3.2- Comércio

Antes da presença estrangeira, o comércio entre os nativos era através da permuta, utilizando produtos provenientes da criação de animais (carne, a pele e mais tarde as bosta), da agricultura (massango, a massambala e o milho), que nos períodos de seca contínua ou severa, os detentores do cereal adquiriam gado através da troca, e do artesanato (recipientes de madeira, lemos, almofariz, pilaus, destacando-se ainda panelas de barro, tijelas, potes, copos e sangas), que serviriam principalmente para troca com produtos de origem agrícola e da criação de gado.

Com a presença estrangeira, a actividade comercial entre os nativos e portugueses no Tchico, começa com a chegada dos primeiros madeirenses nos Barracões, que numa primeira fase, a mesma actividade parecia ser de entendimento e amizade, com os nativos a se fazerem representar com produtos de origem agrícola e da criação de gado; enquanto os colonos iam introduzindo produtos de origem europeia.

As transacções comerciais com os africanos implicavam a oferta, por parte do europeu, principalmente de bens de consumo (alimentos, bebidas alcoólicas, têxteis, utensílios domésticos e de trabalho) e a procura do gado bovino, de pequenas espécies de animais e alguns produtos agrícolas (milho, massambala, massango, batata trigo, etc.). (Silva 2003:10).

No período colonial, os portugueses nas suas trocas e mais tarde com compras e vendas com os nativos, adquiriam vários tipos de gado, sendo para o comércio, a preferência recaía para o gado bovino e suíno, que dos seus derivados como a carne fresca e salgada, a banha, o torresmo, o chouriço e dos cereais destacando-se a jinguba, que com o tempo, os

européus impuseram regras aos nativos, a de não comercializarem a retalho estes mesmos derivados, passando os europeus a comerciantes exclusivos desses produtos, como também das bebidas alcoólicas, ficando os nativos meros consumidores, visto que se assim alguém se procedesse, teria contas a prestar com as autoridades e sujeito a uma correcção exemplar, com chicotadas a partir das mãos do Cipaio Yandja, o carrasco do Tchioco, Santo António e Arimba. Em suma, um dos resultados da Conferencia de Berlim foi:

Proibição do comércio de vinho com os povos africanos (a França e a Alemanha apenas se comprometeram a vender menos vinho). (Texto de Apoio de História/ISCED,2013:34). Nenhum país colonizador aderiu a clausula, principalmente Portugal que no Tchioco, seus comerciantes faziam do vinho um instrumento enganador para a aquisição de bovinos a partir dos nativos, enquanto maiores detentores, que muitas das vezes persuadidos no sentido de serem os fregueses¹² da bebida.

Motivados na astúcia dos colonos em se fazer passar de bons amigos, com oferendas aos nativos de sandes, torresmos, chouriço e copos de vinho, que depois de bêbedos eram aconselhados a passar a noite e num dos compartimentos da loja, era-lhes feita uma cama estendida ao chão, com um cobertor novo ou não, mas em boas condições. Na hora do sono, o colono colocava junto a cama dois a três garrafões de vinho, justificado dia seguinte como resultado de consumo durante a noite, fazendo-se conta única com o custo do cobertor, o que dava a razão para que os amigos em falso se dirigissem ao Sambo para se escolher o boi que condiz com a dívida. (Entrevista com Victorino Diogo de 95 anos de idade).

os povos agro-pastores, consideravam e ainda consideram, a posse do gado como um bem do qual o sustento da família depende, pela utilização do leite, só raramente procedendo a permuta de alguma cabeça de gado bovino no pequeno comércio instalado, para satisfação de obrigações de origem social, pagamento de dividas ou de impostos como no tempo colonial, ou para a aquisição de bebidas alcoólicas de que, entretanto, se tornaram grandes consumidores. (Matos,2005:120).

¹² Clientes assíduos.

Tradicionalmente, os comerciantes agricultores/pastores europeus, ao adquirirem gado africano, conservavam-no integrado nas manadas dos nativos, ou para a venda ulterior, ou para fins de acumulação de capital. Todavia, já nas últimas três décadas da era colonial, verifica-se uma tendência dos europeus para concentrarem o seu gado em manadas próprias.

No ano de 1974, existiam no centro do Tchioco, vários estabelecimentos comerciais, sendo 4 lojas, 2 bares, 1 talho, 1 padaria e 1 peixaria; permanecendo o talho, a padaria e a peixaria até 1984. Na periferia, havia 2 lojas nos Barracões, 2 lojas no Holongo, 3 lojas na Tchima, 1 loja na Mukanka e 3 lojas na figueira. Com a independência do país, maior parte dos comerciantes imigraram para Portugal e África do Sul.

De 1976 até finais dos anos 80, era comum as quitandas caseiras, através de recados, com a venda de produtos de origem agrícola como de origem animal, assim como de bebidas alcoólicas, destacando-se o Macau e a proibição do " canhome" , devido a certos dizeres sobre o adultério na fabricação.(Entrevista com a Sra. Angelina Maria Neves de 85 anos).

Em 1976, surge no Tchioco a EMPA, loja de atendimento aos populares detentores de um cartão de morador, que depois, em 1984 passou para Loja do Povo, com o atendimento aos funcionários públicos por via de cartões. (Entrevista com o Sr. Papoceco Mualunga "Calucendo" de 80 anos).

O surgimento do mercado informal do Tchioco, marca o ponto mais alto da actividade comercial no bairro, que começou numa simples pracinha ao ar livre, por volta de 1988 com vendas de produtos como " pão burro", maçaroca, farinha de milho e de massango, sumo " chota visita" , batata-doce crua e cozida, frutas diversas, roupa usada, chapas de zinco usadas, bebidas alcoólicas como Macau, cerveja, canhome e vinhos da fabrica " Bebo Huíla", e outros produtos simples.

E que, a partir dos anos de 1991/92, com a mudança para o local, da praça da Machiqueira; a famosa "praça do Tchioco", veio a se transformar

no maior centro de comércio informal da província, reconhecido a nível da região. O referido mercado, albergou todo o tipo de comércio, a começar pelos produtos alimentares, industriais, bebidas espirituais e alcoólicas de todo o tipo possível, portas, comas de fabrico local, e de gado bovino, caprino, suíno e galináceo, de cujo derivados era muito procurado pela clientela e apreciada nas barracas em forma de refeição, até a venda de divisas.

A praça do Tchioco pela dimensão e movimentação de mercadorias, assim como de clientela e o famoso " batimento" , fez com que muitos estabelecimentos comerciais do bairro e como também do Lubango encerrassem suas actividades. Por outro lado e devido a proximidade, em relação ao ponto de escoamento, fez surgir no bairro algumas pequenas indústrias.

2.3.3- Indústria

É desde cedo, que os Nyaneka no Tchioco começaram com a indústria, a destacar-se:

- Práticas de artesanatos, que da madeira fabricavam os "maholo", lemos, almofariz, camatamba, porrinho, zorra, etc. e com o ferro faziam enxadas, catanas, zagaias, etc.

- Prática de olaria, tendo em conta da existência da matéria-prima (argila), no território em estudo, oleiras, fabricavam utensílios de uso doméstico, a destacar pela panela de barro, tijelas, potes, copos, sangas e outros utensílios.

Os nativos tinham a indústria, era uma actividade ligada ao artesanato e à olaria. Tinham como principal matéria-prima o ferro, utilizado para o fabrico de enxadas, facas, zagaias, arpões de pesca, etc. Na olaria, dedicavam-se (dedicam-se) ao fabrico de instrumentos de barro, designadamente panelas, pratos e jarras, cozidos em fornos muito simples, aquecidos com bosta de boi ou com lenha. (Mucuaxilamba,2004:107).

Para colonos madeirenses, a actividade industrial teve início cedo. Em 1886, segundo ano de se fixarem nos Barracões, havia no lugar 1 fábrica

caseira de aguardente (canhome), do senhor Camumuila pai. Passando 24 anos, em 1910, nos Barracões existia 1 fábrica de tijolo do senhor Abel Tavares Sousa e 1 fábrica de curtumes, na área do António Guerra.

Até 1965, havia no Tchioco mais 4 Fábricas de tijolo; 1 na área do Holongo, do senhor Pina, 1 na área da Tcima do Huilacos, 2 na área da Umpapa, sendo 1 do Dr.Farrica e outra, a do senhor Joaquim da Silva Duarte Ginjeira, cerâmica onde se fez a queima do dinheiro resultante da troca da moeda (Novo Kwanza) de 30 de Junho de 1995. Todas elas contribuíram bastante na construção de infra-estruturas, como por exemplo de escolas.

2.4- Ensino

Desde sempre, a transmissão de conhecimentos entre os nativos existiu de pais para filhos ou de mais velhos para os mais novos.

Como já frisamos, o Ensino para os Nyaneka/Nkumbi é baseado na Educação Tradicional, que conta com instituições e lugares onde decorre o processo.

Para este povo, a maior instituição de ensino é o “hotyoto”, considerado um espaço privilegiado para a transmissão dos valores morais, cívicos e culturais, onde as instituições de sabedoria, os mais velhos passam os ensinamentos aos mais novos sobre todos os domínios da vida, acontecendo geralmente à noite. As crianças eram educadas através de provérbios, contos (ononghano), narrações e parábolas (Omoambo).

Com a presença colonial, a maior Instituição de Ensino passa ser a Escola, com uma educação formal virada nos valores europeus e da supremacia branca, visto que estudava-se a flora e a fauna, a História, a Geografia de Portugal, criando-se um vazio cultural acerca de conhecimentos da realidade da própria colónia.

A educação formal no Tchioco, começa nos Barracões em 1886, um ano depois da chegada dos madeirenses. As aulas eram ministradas num dos barracões, passando depois para a Capela do mesmo lugar, com apenas

filhos dos colonos, visto que na primeira leva dos que no lugar se instalaram, para além de agricultores, comerciantes e outros, incluía também professores. (Entrevista com Sebastião Pereira Fernandes de 94 anos).

Com o surgimento paulatino da população branca no Tchioco, urge a necessidade do Governo português na altura, em colocar escola. Nesse sentido, destaca-se a construção em 1958 da primeira escola de estrutura definitiva no Bairro, a “Escola Primária nº 187”, composta de 3 salas de aulas, 1 casa de banho, 1 gabinete e 1 cantina na altura; no interesse de albergar filhos dos colonos, que veio acontecer até 1960.

Os primeiros negros a estudarem na referida escola no tempo colonial, foram os senhores, José António Domingos e Afonso Canivete, isto no ano lectivo de 1962/63, ambos vindos transferidos da Missão Católica da Nossa Senhora das Dores do Lubango, com o aval dos padres Carlos Estermann e José Camelo, justificando que os alunos eram educados e filhos de assimilados, (Entrevista com o senhor José António Domingos de 72 anos).

Segundo o Jornal da Huila (1959), nas cinco escolas do ensino primário oficial em Sá da Bandeira, duas na cidade e três nos subúrbios, matricularam-se no ano lectivo de 1959, 643 alunos, dos quais 382 do sexo masculino e 261 do sexo feminino.

Com o alcance da independência à 11 de Novembro de 1975, o novo governo, teve como desafio definir a partir de 1976, políticas concretas que pudessem permitir a correcção dos grandes índices de analfabetismo, resultantes das políticas coloniais. Em vista desta situação, o sistema educacional desenvolvido na primeira reforma (1976), baseou-se fundamentalmente pelo aumento de oportunidades educativas, gratuidade do ensino de base (da 1ª à 4ª classe) obrigatoriedade de frequentar o primeiro nível, começando assim com a reparação, construção e ampliação de infra-estruturas escolares(Guebe, 1980).

De 1999 à 2010, foram celebrados contratos entre a Direcção da escola e o FAS (Fundo de Apoio Social), com consentimento do núcleo comunitário e a Administração do Bairro, com o objectivo da realização de obras de reabilitação e ampliação da escola, no que resultou na construção de mais 12 salas de aulas, 1 sala para professores, 4 casas de banho (2 para professores e 2 para alunos), 1 arrecadação, 1 gabinete, 1 campo polivalente, água de furo e vedação do recinto escolar. Contratos benéficos, visto acudir a demanda da procura de um lugar para se estudar, tendo em conta ao aumento demográfico que se vivia na altura no bairro. (Historial da Escola nº 187).

No lugar dos barracões, a primeira escola definitiva de tijolo bruto com cobertura de telha, com 2 salas de aulas, 2 casas de banho, 1 arrecadação e 1 gabinete; foi construída em 1962, a “ Escola Primária nº 371” que na altura não só albergava filhos de colonos, mais também filhos dos nativos. Por falta de alunos na mesma escola, outras crianças vinham transferidos da escola primária nº 187. A 18 de Abril de 1994, a referida escola é classificada Património Cultural. Em 2004 sofreu reparação e ampliação para mais 4 salas de aulas, 2 gabinetes, 2 casas de banho, 1 sala para professores e 1 campo polivalente, tendo sido inaugurado em 2006 pelo então Governador, Sr. Francisco Ramos da Cruz. (Monografia da escola).

No ano de 1988 na área da Tchima, cria-se salas anexas para o ensino primário pertencentes a comuna da Arimba, no interesse de se dar resposta a demanda de crianças fora do sistema de ensino, tendo funcionado até 2001 numa casa colonial em ruínas pertencente a Dona Lina e, fazendo também das sombras das mangueiras do Velho Chiquemba salas de aulas, que juntamente com o director na altura, tudo fizeram junto do governo para que no lugar das ruínas, nascesse em 2002 a Escola Primária nº 8- Tchima, definitiva e inaugurada em 2004, pelo então Governador Ramos da Cruz; sendo a primeira escola de raiz e de estrutura definitiva a ser edificada no Tchico pós-independência.

A Escola nº 1199, de estrutura provisória, situada numa zona semi-urbana, junto a 3ª Idade, com início de construção em 1994 com o apoio do MINARS e da comunidade, foi inaugurada em 16 de Junho de 1996 pelo então Governador da Huila, Francisco José Ramos da Cruz.

Para além das escolas estatais mencionadas, construiu-se também no Bairro do Tchioco escolas privadas, que ajudaram a ampliação do acesso de crianças a educação, a destacar:

- Colégio Tanga-Ukule, situado numa zona semi-urbana, de estrutura definitiva, inaugurada em 2008 pela proprietária Augusta Maria de Fátima.
- Colégio Bom Deus, situado numa zona semi-urbana, de estrutura definitiva, tendo sido inaugurada a 10 de Julho de 2010 por Sua Eminência Apostolo Fundador Simão Lutumba.

O quadro abaixo ilustra o número de alunos matriculados nas respectivas escolas, no ano lectivo de 2010.

Escolas	Nº de Alunos M F	Nº de Alunos F
187 –Tchioco	4727	1995
371 – Barracões	2025	1108
8 –Tchima	1055	541
1199 – 3º Idade	733	335
Colégio Tanga Ukule	3842	1913
Colégio Bom Deus	727	339

Fonte (Direcção Municipal da Educação do Lubango)

2.5- Religião

A religião é um fenómeno muito complexo de definir. A partir das suas manifestações de devotos, pode-se compreender o fundamental. A ideia de religião, em geral, contempla a existência de seres superiores que tem influência ou poder de determinação no destino humano. Esses seres são principalmente os deuses, que ficam no topo de um sistema.

O sistema de símbolos que actuam de forma a suscitar nos homens motivações e disposições poderosas, profundas e duradouras, formulando concepções uma tal aparência da realidade, que estas motivações e estas disposições parecem apoiar-se apenas na realidade (Revière, 2000:141).

Como todos os Bantos, os povos do distrito da Huíla crêem na existência de um Enter superior. Este Enter tem pelo menos dois nomes, sendo um empregado na língua corrente ou prosa e o outro conforme é exigido pelas leis do paralelismo nos provérbios e noutras locuções poéticas; um pouco como na poesia do Antigo Testamento os dois nomes Deus e Senhor. Nos ambos, o nome em prosa é Huku pelo primeiro e Kalunga pelo segundo. Actualmente, no conceito deste povo, Kalunga é quase comparável ao destino cego e surdo dos antigos. Atribuem-lhe, porém, a criação dos seres existentes, mas julgam que ele intervém pouco no governo do mundo, deixando este papel aos espíritos inferiores. (Estermann, 1983:29).

Com a chegada dos europeus, os povos do Tchioco foram obrigados a deixarem sua crença religiosa e a aderirem uma outra trazida pelos colonos, com a justificação de uma acção humanitária, o da evangelização dos povos africanos, escondendo as suas pretensões económicas e políticas.

A Europa, fortemente interessada na posse de África por razões económicas e políticas, vai procurar uma justificação moral para as suas acções, apoiando-se nas descrições de missionários que fizeram crer que o homem branco deveria jogar em África um grande papel civilizador, ajudando as populações “primitivas” a elevarem-se, instruindo-as e evangelizando-as. Assim a colonização aparecia como um dever humanitário para a civilização e evangelização dos africanos. (Texto de Apoio de História De Angola/ ISCED, 1988:34).

A conversão dos nativos ao cristianismo, deveu-se a Igreja Católica, que a partir dos Barracões, quando a 19 de Janeiro de 1885, foi celebrada a primeira missa e posteriormente a construção da primeira Capela no local.

A colónia nasce oficialmente a 19 de Janeiro de 1885, quando foi celebrada uma missa pelo superior da missão da Huila Pe. José Maria Antunes nos Barracões, no actual Bairro do Tchioco, lugar escolhido para em primeiro lugar acolher os madeirenses (Cassoque, 2013:37).

Nos anos 40 a maior parte dos fiéis do referido bairro, assistiam as missas na Missão Católica do Lubango, “ a igreja da Nossa Senhora das Dores”, acompanhados de perto pelo falecido Padre Carlos Esterman. Com a fundação da Paróquia da Nossa Senhora da Conceição actual Paróquia da Imaculada, fundada em 1971, tendo como pároco o Padre António Luís Gonçalves, alguns fiéis católicos, acompanhados pelo mesmo padre, começaram a assistir as missas na Escola nº 187 e, mais tarde na “ ex-casa do Povo” . Em 1972, nasce uma evangelização caquética com os Idosos do Lar da 3ª Idade do Tchioco, sendo as missas realizarem-se no refeitório do mesmo lar com o padre Pedro Puben e, tendo como primeiro catequista o senhor João Paulo Calixto, vindo transferido da Missão da Huila com o mesmo propósito, exercendo também a mesma actividade em sua casa por baixo de um Mutomboteiro; coadjuvado mais tarde por Maria Esperança dos Réis e Joaquim Sapalo; lugar que em 1980, a 50 cinquenta) metros a Este foi construída a primeira capela no Tchioco pós-Independência, feita de adobe e com cobertura de capim. Em 1995 constrói-se no mesmo lugar uma capela maior com o nome de Sagrada Família como padroeira, de simples Capela, hoje o Tchioco conta com uma Paróquia e várias Capelas espalhadas em todas as zonas que compõem o bairro. (Historial da Paróquia da Sagrada Família de Nazaré, 2020).

Diferentes da Igreja Católica, outras denominações religiosas, só apareceram no Tchioco depois da Independência Nacional, precisamente a partir dos anos 90. Assim em 7 de Setembro de 1993 surge a primeira igreja na Zona-8 da I.E.S.A. de adobe e coberta de capim sob autorização do então Administrador do bairro Alexandre António, sendo primeiro responsável e catequista o senhor José Firmino Nunda coadjuvado por Simão Kaliqui e Ângelo José (Historial da Igreja I.E.S.A. 2012).

Em 1994 na área do bairro Branco aparece o primeiro Salão do Reino de Deus (Testemunhas de Jeová), construída de adobe e coberta de zinco, hoje a mesma congregação encontra-se espalhada em quase todas as áreas do bairro. (Entrevista com Basílio José de 66 anos de idade).

A Igreja Adventista do Sétimo Dia como tal, surge no bairro do Tchioco em 2007, sendo Pastor na altura, o senhor Albino Cawasso. (Entrevista com Feliciano Ribeiro de 46 anos de idade).

Posterior as estas, foram surgindo outras Igrejas, como a da I.E.P.A , I.E.C.A , BOM DEUS, I.C.A. Todas elas, jogando um papel importante na moralização da sociedade, no que diz respeito a fé, no amor ao próximo e na educação cívica com efeitos positivos directos na estabilidade social do Bairro.

2.6- Construção e Arquitetura

Relativamente a construção no Tchioco, começa com os nativos, a partir de 1400 ou início dos anos 1500, como já nos referimos atrás, que nessa data, os Nyanekas (ou vanyanekas) povos de pastores, entraram pelo sul de Angola, atravessaram o Cunene e instalaram-se no planalto da Huila. No lugar em estudo, estes povos começaram com a construção dos Omaumbo, com cubatas ou casas provisórias dispostas em forma circular, de pau a pique cobertas de capim, assim como a abertura de picadas estreitas, de que também numa primeira fase os europeus se serviram.

Os colonos, começam com a construir nos Barracões em 1884 quando os portugueses dão por iniciada a construção de barracões de pau a pique, barretadas com barro, com cobertura de capim e colmo com o objectivo de albergar os futuros inquilinos; acontecendo a 19 de Janeiro de 1885, quando se instalou a segunda vaga de madeirenses no lugar que veio a se chamar de Barracões.

Daí, cada colono preocupou-se em construir sua residência provisória, que mais tarde, os que no lugar se fixaram definitivamente ergueram casas de adobe com cobertura de colmo e telha, passando depois a casas definitivas de tijolos brutos com cobertura de telha e zinco, pertencentes principalmente a agricultores e comerciantes; enquanto a partir do local, outro grupo de colonos se vão dirigindo lentamente para a Machiqueira, construindo o Lubango, que começou a ser erguida no local que hoje está Sé Catedral. (Entrevista com Sebastião Pereira Fernandes de 94 anos).

Os colonos encontraram um acampamento de barracões de capim, no local que ainda hoje é conhecido pela designação de Barracões. Aí, a sombra de uma árvore do mato, ouviram a sua primeira missa; e daí partiam diariamente para os trabalhos preparatórios da sua instalação definitiva, da abertura de valas que haviam de fertilizar os seus terrenos, dos caminhos que foram os eixos orientadores das cabanas da futura cidade. (Dias 1957:14).

Até 1950 a construção de moradias coloniais no Tchioco, abrangia apenas a parte Noroeste e Oeste, como se pode ver ; nos Barracões estavam construídas 3 casa de adobe com cobertura de telha, sendo uma das casas pertencente ao senhor Camumuila “pai”, cujo escombros ainda existem no interior do muro de vedação do condomínio da empresa OMATAPALO, 1 casa comercial definitiva de tijolo bruto com cobertura de telha pertencente ao senhor Abel Tavares Sousa, explorada pelo senhor Manuel Rodrigues, sendo o primeiro negro a exercer a função de comerciante numa estrutura definitiva em todo Tchioco, 3 casas definitiva de tijolo com cobertura de telha, sendo 1 destinada aos trabalhadores da cerâmica.

Até 1953, já havia outras moradias, sendo 4 habitações provisórias de adobe com cobertura de telha, 2 casas de adobe cobertas de zinco e 4 de tijolo bruto com cobertura de telha na área do holongo, 3 casas de adobe com cobertura de telhas a Este em relação a Santa¹³, e 2 casas com cobertura de telha, sendo uma de tijolo bruto e outra de adobe na área este próximo dos Barracões.

No Tchioco propriamente dito, as construções começam como já frisamos, no lugar onde foram erguidas as primeiras três moradias definitivas de tijolo bruto com cobertura de telhas, primeiro a do Sr. Ribeiro Amaro em 1954, seguindo-se a dos Senhores António Varela e José Maria em 1955, todos comerciantes. Daí em diante foram surgindo outras moradias de funcionários públicos e privados dentro como nos arredores. Nesta empreitada, destaca-se o importante trabalho do Empreiteiro Zé das Moedas, que juntamente com a força dos nativos como serventes,

¹³ Lugar onde foi construída uma estatua de Santa, com o objectivo de proporcionar protecção contra os acidentes de viação que aí ocorriam.

muito contribuíram na concretização para a construção do Bairro. (Entrevista com o Senhor José António Domingos de 72 anos de idade).

Das várias habitações e infra-estruturas construídas na era colonial até 1975 no Tchioco e arredores, maior parte encontram-se habitáveis e intactas, embora algumas apresentando sinais de degradação.

As infra-estruturas que merecem destaque neste mesmo período no bairro em estudo, são:

Aeroporto “ Craveiro Lopes” depois “Mukanka”, situado no Tchioco, inaugurado em 1954 pelo então Presidente da República Portuguesa, o Sr. Francisco Higinio Craveiro Lopes; construído pelo Engenheiro Fontes, empreiteiro admirado na altura pela audácia de fazer as obras, tendo construindo também a Maternidade do Lubango e a Escola Militar de Sargentos. Neste mesmo ano foi inaugurada a estrada de terra batida de acesso a cidade do Lubango ao Aeroporto. (Entrevista com o Senhor Mário Oreste Aguaaiella de 94 anos de idade).

Casa da Acção Social, passando a Casa do Povo, agora Clube Recreativo do Tchioco, construída em 1956.

Tiros Bombos¹⁴depois ROMBAT¹⁵, do Senhor Mário Moutinho, construída em 1957. (Entrevista com Victorino Diogo de 95 anos de idade).

Os Cemitérios são três, a mencionar: I. Cemitério dos Barracões, local onde foram enterrados os primeiros colonos, com destaque para o ilustre Reitor do Liceu Diogo Cão, Dom Leandro de Mendonça; II . Cemitério do Mumwé depois Camumuila, localizado na parte Este em relação aos Barracões, local onde foram enterrados maior parte dos nativos, a destacar o ex-administrador da Chibia, Senhor Fernando Tyavialala. III . Cemitério da Umpapa, estava localizado a Este da mesma área, próximo

¹⁴ Actual Rombate, mas que antigamente era um lugar de tiros aos pratos e aos fins de semanas usavam como alvo pombos.

¹⁵ Nome dado pelos romenos da UNAVEM a estrutura dos tiros aos pombos.

a estrada de acesso a Chibia, não existindo hoje nenhum vestígio, por estar construída por cima das campas a Empresa ANGOBETÃO.

Destaca-se ainda a construção de infraestruturas sociais como o bairro Branco, num total de 20 casas pintadas de branco de tijolo com cobertura de losalite, construída em 1974, destinadas aos trabalhadores do CFM, o que não aconteceu devido a agitação que se vivia nas vésperas da independência de Angola e, o Lar da 3ª Idade, antes Beiral, num total 9 casas, cada com 4 compartimentos, de tijolo com cobertura de losalite.

Depois da Independência e com o alcance da Paz em 2002, o Governo de Angola lançou-se no Programa de Reconstrução Nacional, com a recuperação e construção de Infra-estruturas importantes que possam melhorar a qualidade de vida dos cidadãos, das quais destacamos as que mais suscitam relevância de 2007 à 2010 pela imponência que representam no bairro Tchioco:

2.6.1. Infra-estruturas Rodoviárias

Segundo o então Ministro das Obras Publicas Higinio Carneiro (2010), no ano de 2005 foi aprovado pelo Conselho de Ministros o Programa de Reabilitação das infra-estruturas Rodoviárias que inicialmente contemplava a reabilitação de cerca de 1.476 km de estradas da Rede Fundamental.

Quilómetros de estradas principais, secundárias e terciárias da província da Huíla receberam desde 2007 obras de melhoramento e ampliação do seu tapete asfáltico, no âmbito de um programa de recuperação da malha viária da região e por altura do CAN¹⁶ tinha sido asfaltado 500 quilómetros de estradas que serviram para envolver a população da província e das províncias vizinhas na maior cimeira do futebol africano.

No que se refere ao Lubango, reabilitou-se a estrada de acesso ao aeroporto à cidade, passando pelo Tchioco, com início em 2007 e termino

¹⁶Capeonato Africano das Nações

em 2008, cuja empreitada esteve a cargo da Empresa Andrade e Gutcheerry- ZAGOP.

No Tchioco em particular, destaca-se a construção de uma nova estrada, servindo de Via de Acesso, Estrada do Aeroporto ao Novo Estádio; empreitada construída por uma via de 4 faixas, 2 em cada sentido incluindo separador central, passeios pedonais, iluminação pública, colector de águas pluviais e viaduto para passagem superior sobre a linha de caminho-de-ferro. (Carlos Pacavira 2010:134).

A referida empreitada teve início em Abril de 2008 e terminou em 2009, e que esteve a cargo de 2 Empresas, sendo a PLANASUL na terraplanagem e asfaltagem e a OMATAPALO que se encarregou da colocação da iluminação pública, do calcetamento no separador das 4 faixas e nos passeios pedonais. Destaca-se ainda a Empresa de Energia e Águas que também contribuiu durante algum tempo com um gerador na iluminação pública. É de salientar que antes e no lugar da nova estrada, já existia outra, mas de terra batida e que servia também de acesso a cerâmica de tijolos (Huilacos) e a estação do caminho-de-ferro da Mukanka.

2.6.2. Infra-estruturas Aeroportuárias

Sobre infra-estruturas Aeroportuárias no Bairro do Tchioco, destaca-se o Aeroporto Internacional da Mukanka que está situado a 3,5 km de distância na direcção Este em relação ao bairro com o mesmo nome.

Segundo o Ex-Ministro dos Transportes Augusto Tomás, citado por Carlos Pacavira (2014:66), diz que: “ no Aeroporto da Mukanka foram realizadas obras de raiz, que se resume na construção de um novo terminal de passageiros equipados e modernizados, para 350 passageiros em hora de pico. Efectuou-se ainda a construção de uma nova plataforma de estacionamento de seis aeronaves do tipo Boing 777 ou 747, um novo parque com a capacidade para 300 viaturas, incluindo autocarros, uma torre de controlo, o novo edifício para os bombeiros, a reabilitação, reforço e prolongamento da pista.

Constam ainda dos investimentos do aeroporto da Mukanka, a instalação da balizagem luminosa nocturna, o equipamento de rádio ajudas (VOR), bem como equipamentos de comunicação (HF, VHF).

A Infra-estrutura Aeroportuária construída em duas fases, custou cerca de 100 milhões de euros, tendo sido inaugurado no dia 29 de Dezembro de 2009 pelo então Primeiro-Ministro Paulo Cassoma.

Sem dúvidas, um ganho importante para a economia da província e da região.

2.6.3. Infra-estruturas Desportivas

No que tange as infra-estruturas Desportivas, o Tchioco em particular ganhou uma imponente obra, que serve de orgulho para os huilanos, o Estádio Nacional da Tundavala.

Situado no bairro do Tchioco, com uma via de acesso, estrada do aeroporto ao Novo Estádio, tem um acesso próprio com um viaduto superior sobre a linha de caminho-de-ferro. É um estádio aberto nos Topos, os lugares destinados aos espectadores serão paralelos às linhas laterais do campo, assumindo uma Arquitectura arejada, moderna e artística. O estádio recebeu cinco jogos do Grupo D, uma partida do grupo C e um dos jogos dos quartos-de-final. No total sediou sete jogos do campeonato (Pacavira 2010:132).

A empreitada consistiu na construção de um estádio de futebol para o Campeonato Africano das Nações Orange 2010 e jogos subsequentes. Com uma capacidade de 25.000 lugares, a obra teve o seu início em Janeiro de 2008 e, sendo inaugurada no dia 29 de Dezembro de 2009 pelo então Primeiro-Ministro Paulo Cassoma.

A realização do CAN 2010 acelerou as obras das estradas, dos aeroportos, dos estádios, dos hotéis e similares, etc., que estavam em curso pelo país, principalmente nas províncias cujas capitais albergaram jogos da maior cimeira do futebol africano. As províncias vizinhas também sentiram os benefícios directos da recuperação das infra-estruturas (Higino Carneiro 2010).

Segundo o Ex-Ministro dos Transportes Augusto Tomás, citado por Carlos Pacavira (2014:67), a dinâmica e as mudanças benignas que vem registando nos últimos anos são o resultado das orientações estratégicas e sentido especial de direcção do Presidente da República, Engenheiro, José Eduardo dos Santos. O seu apoio incondicional tem sido determinante para o sucesso das diferentes fases dos projectos em curso no país.

Conclusões

- ✓ Antes da presença europeia no planalto da Huíla, existiam povos nativos com uma forte organização política, económica e sociocultural.
- ✓ A História como uma disciplina deve ser capaz de traduzir o equilíbrio entre o passado e o presente, entre a modernização e a tradição, de modo a ser capaz de formar a pessoa ideal.
- ✓ Por outro lado, são poucos os estudos realizados por investigadores no âmbito da História, Antropologia, Arqueologia, que possam fornecer informações sobre os bairros mais antigos e históricos da sociedade angolana, como é o caso do bairro Tchioco.

SUGESTÕES

- Que se aumente mais bibliografias, realização de debates radiofónicos sobre o tema para que a sociedade crie interesse pela grande riqueza do ponto de vista material e espiritual de que a investigação se reveste.
- Que o ministério da cultura crie incentivos e condições aos lubangueses no sentido que cada um faça um acervo histórico acerca do bairro em que vive, com objectivo de se preservar a história verdadeira, tendo em conta ao discurso de 23 de Novembro de 2021 de sua excelência Ex-Minista da cultura, Rosa Cruz e Silva quando dizia que, “a história da Huíla só se fala a partir da chegada dos portugueses, como se não houvesse povos antes da chegada dos colonizadores”.
- Propomos ao ministério da educação a implementar no programa de história do ensino primário e primeiro ciclo, a evolução histórica dos bairros mais antigos da cidade do Lubango, como por exemplo, o bairro Tchioco.

BIBLIOGRAFIA

- Abraão, T. (2002). *Método de Aprendizagem da Língua Nacional Nyaneka-Humbi e Portugues- Angola*. Lubango.
- Abranches, H. (1979). *A Konkhava de Feti*. Luanda: U C A.
- Almeida, A. (1936). *Sul de Angola* (2ª ed.). Lisboa.
- Altuna, A. R. (2006). *Cultura Tradicional Bantu*. . Portugal: Paulinas.
- Auge, M. (1975). *Os domínios do Parentesco*. Lisboa: 70.
- Bastos, R. (2009). *Ciências Humanas e Complexidades*. Rio de Janeiro: de Livros.
- DIAS, S. G. (1957). *A cidade de Sá Da Bandeira*. Sá Da Bandeira: Câmara Municipal.
- Estermann, C. (1960). *1960, (a) Etnografia do Sudoeste de Angola, os Povos não Bantu e o Grupo Étnico dos Ambós*, . Portugal: ed. Lisboa .
- Estermann, C. (1983). *1960, (b) Etnografia do Sudoeste de Angola, Vol. II, Grupo Etnolinguístico Nyaneka Humbe*. Lisboa: , Ed. Fh.
- Estermann, C. (1960). *1983, (c) Etnografia de Angola (Sudoeste e Centro) Colectânea de Artigos Dispersos*. Lisboa.
- Fitunil, L. (1985). *Angola: Natureza, População e Economia*. Moscovo: Progresso.
- Guebe, A. (1850). *Resistencia a Ocupação Colonial do Sul de Angola*. Angola: Eal.
- Guetmanova, A. (1979). *Lógica* . Moscovo: Progresso.
- KEESIHG, F. M. (1961). , *Antropologia Cultural: Ciência dos Costumes,: fundo de cultur*. Rio de Janeiro: Tesdra.
- Keita, N. B. (2009). *História da África Negra* (1ª edição ed.).

KI-ZERBO, J. (1999). *História da África Negra* (1v ed.). Biblioteca Universitária.

Kundongende, J. d. (2013). *Crise e Resgate dos Valores Morais, Cívicos e Culturais na Sociedade Angolana*. Huambo: Seteket.

matos, V. (2005). *Ocupação Pecuária de Livestock History in Angola*.

Matovani, E. E. (Novembro de 2006). Pontefícia Universidade católica de Campinas. *A Avaliação no Ensino de História e as contribuições da Psicopedagogia*, p. 21.

Nicásia. (1997). *Recontro com a História*. Lubango.

Oliveira, E. R. (2014). *Métodos de Investigação Científica*. Lisboa: Lna.

Pacavira, C. (2014). *Angola- Memórias de um CAN exemplar*. Trumuno: Luanda.

Paulme, D. (1996). *As Civilizações Africanas*. Europa, América, LDA: Sinta.

Redinha, J. (1969). *Distribuição Étnica da Província de Angola* (5ª ed.). Lisboa: Centro de Informação e Turismo de Angola.

Redinha, J. (1970). *Distribuição Étnica da Província de Angola* (6ª ed.). Centro de Informação e Turismo de Angola.

Redinha, J. (1974). *Étnias e Culturas de Angola*. Instituto de Investigação Científica.

Redinha, J. (1986). *Instrumentos Musicais de Angola: Sua Construção e Descrição: Notas históricas e Etno-Sociológicas da Música Angolana*. Instituto de Antropologia: Lisboa.

Reis, T. (2010). *Metodologia de Pesquisa*. Brasil: S:A.

Revière, R. (1936). *Djuvic de La-les Groups snguins*.París: Franc.

Sousa, F. (2012). *Etnografia de Angola: Entre Pesquisa e o Desenvolvimento de Políticas Culturais*. Mayamba.

Dicionário de Língua Portuguesa 2010.

Lavrado, Marquês. (1988). Texto de apoio de Historia de Angola / ISCED, Huila.

WACUSSANGA, Jacinto pio. (2013). Resumo de sociologia Geral/ ISCED-HUILA.

Outras Fontes Consultadas

Entrevista com Sr. Alexandre António, Ex: Administrador do Bairro Tchioco, no período compreendido entre 2000-2009.

Entrevista com a Sra. Angelina Maria Neves anciã, casada com um antigo comerciante português, residente no bairro Tchioco.

Entrevista com Sra. Arminda de Jesus, que presenciou uma boa parte da construção do Bairro Tchioco.

Entrevista com o Sra. Elias Muandandunguila, nativo e conhecedor do percurso histórico do bairro Tchioco.

Sra. Maria Ndombwa, filha do antigo ajudante do Sr. Camumuila, na fabricação do Canhome.

Manuel Quinto landja, pastor da Igreja IESA, e filho do Antigo Regedor landja.

Sr. Cambindangolo, coordenador provincial de línguas nacionais.

Sebastião Pereira Fernandes, antigo trabalhador das obras públicas no Lubango.

Mário Oreste Aguiella, ancião que presenciou a inauguração do primeiro aeroporto no Tchioco.

Victórico Diogo, ex: cozinheiro do Sr. Mário Moutinho, dono do ex. tiropombo, actual Rombate.

José António Domingos, primeiro negro a estudar na escola número 187 do Tchioco, em 1960.

Lumingo Kangala, ajudante do século Salupumba.

Maria de Fátima, conhecedora em casamentos tradicionais Nhaneka-Nkumbi.

Papoceco Mualunga, trabalhador de uma antiga loja dos comerciantes portugueses.

Soba Candele, Soba grande da Eywa- Tchioco

Anexos

Fotografia nº 1- Antigos Barracões.



Fonte: Foto de arquivo (Delegação da Cultura).

Fotografia nº 2 - Antigo cemitério do Camumuila.



Fonte: Foto de Arquivo (Museu Regional da Huíla).

Fotografia nº 3 – Habitação construída em 1955, Bairro do Tchioco.



Fonte: O Autor, 2021.

Fotografia nº 4- Cerâmica do Huilacos Bairro do Tchioco.



Fonte: O Autor, 2021.

Fotografia nº 5- Da esquerda para a direita, as duas mulheres do Regedor landja, o Regedor landja, o governador do conselho, o Sekulo da área do S.O.S e os 5 Cipaiois.



Fonte: Manuel Quinto landja, 1961.

Fotografia nº 6- Horácio entrevistando o Soba Candele assistido pelos seus sobrinhos, Toy e Mingo.



Fonte: O Autor, 2021.

Fotografia nº 7- Mocidade do Tchioco, tempo colonial. A direita e de cócoras o jovem Antoninho e amigos.



Fonte: Senhora Manuela, 1960.

Fotografia nº 8- Horácio entrevistando a Sra. Arminda de Jesus de 72 anos.



Fonte: O Autor, 2021

Fotografia nº 9- Vitorino Diogo de 96 anos.



Fonte: O Autor, 2021.

Fotografia nº 10- Horácio entrevistando o Sr. "Calussendo" de 80 anos.



Fonte: O Autor, 2021.

Fotografia nº 11- Actual Barracões: Escola 371, Capela e Padrão.



Fonte: O Autor, 2021.

Fotografia nº 12- Horácio entrevistando o Sr. Mário O. Aguaiella de 94 anos.



Fonte: O Autor, 2021.

Fotografia nº 13- Horácio entrevistando a Sra. Luisa “Nkukai”, de 67 anos.



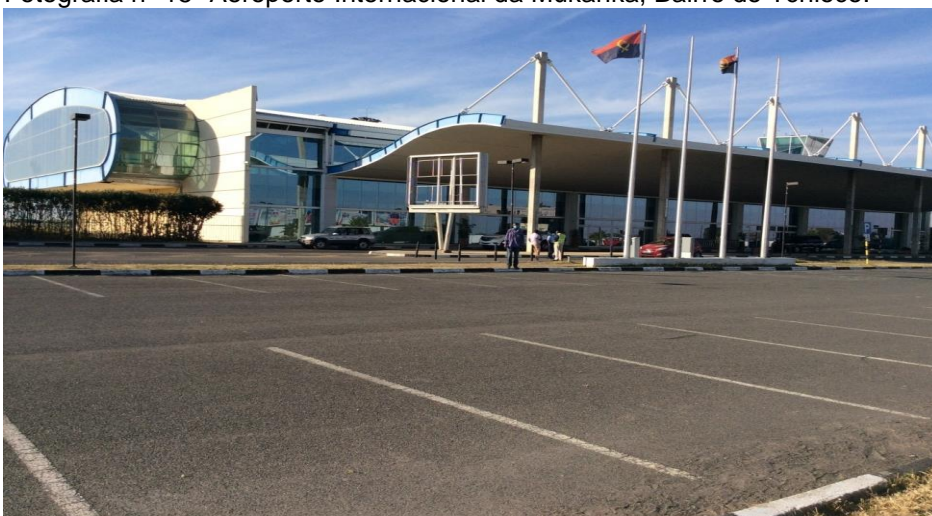
Fonte: O Autor, 2021.

Fotografia nº 14- Estádio Nacional de Tundavala, Bairro do Tchioco.



Fonte: O Autor, 2021.

Fotografia nº 15- Aeroporto Internacional da Mukanka, Bairro do Tchioco.



Fonte: O Autor, 2021.